

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O CICLO DO SALITRE E AS ORIGENS DA INDÚSTRIA NA HISTÓRIA  
ECONÔMICA DO CHILE**

DANIEL ELIAS PIZARRO VELÁSQUEZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em História.

Orientador: Dr. Mathias Seibel Luce

Porto Alegre, dezembro de 2013

## Agradecimentos

Ao meu estimado orientador, professor Mathias, por haver-me aceitado como membro no seu grupo de pesquisa, o qual inspirou e forneceu subsídios para a elaboração deste trabalho, e por estar disponível para me atender e orientar, especialmente nos momentos mais críticos. Sem o seu auxílio esta pesquisa não teria sido concretizada.

Aos professores Cesar Guazzelli e Cláudia Wasserman por haverem aceitado o convite para participar da banca avaliadora deste trabalho.

A todos os professores com os quais tive a oportunidade de conviver ao longo destes anos, cuja qualidade reconhecida internacionalmente coloca o curso de História da UFRGS entre os mais conceituados da América Latina. Valeu a pena cada dia em que tive de “viajar” à noite até o campus, após desgastantes jornadas de trabalho. Perdoem-me os atrasos.

Aos amigos que fiz no curso: Camila Ramalho, Denise Barreiro, Gerson Barum, Israel Aquino, Marcos Sander, Rodrigo Nickel, Samara Mota e Thiago Dias. Pelas palavras de incentivo durante a minha caminhada.

À Clê do xerox, pela força nos momentos de “vacas magras”.

Aos amigos com quem posso contar sempre: Luciano, Vanessa, Jonas, Décio, Ângela, Aurorinha, Alex, Tati, Leandro, Taís e aos queridos irmãos Helen e Rafael Ortiz.

À minha família: ao meu pai, Elias, pelo apoio incondicional e por estar sempre por perto quando mais precisei e à Julia, pelas várias vezes que ficou com a minha filha para que eu pudesse ir à aula. Ao meu irmão, Paulo, pelo incentivo de sempre, à minha cunhada, Michele, e minha sobrinha, Valentina. À minha mãe, Mônica (*in memoriam*). Aos meus sogros, Tito e Eliana, e a todos os parentes que fiz em Camaquã.

À Corina, pelo convívio diário de muitos anos e pela constante disponibilidade em me atender inúmeras vezes, quando teve de ficar com a Isabela para que eu pudesse estudar e ir às aulas. Sem a sua ajuda seria impossível seguir adiante.

À minha adorada filha Isabela, simplesmente pela sua presença de todos os dias.

À minha melhor amiga, parceira, cúmplice, amante e esposa, Tina. Por todo o seu amor. Não teria chegado aqui se não fosse por ti.

## **Resumo**

O presente trabalho optou por analisar a exploração do salitre na formação do Estado nacional e nas origens do processo de industrialização do Chile desde fins do século XIX até as primeiras décadas do XX. O aspecto central do estudo abordará uma questão bastante singular da história econômica chilena: quais fatores conduziram um país que apresentava uma economia de enclave, a partir da exploração do salitre pelos capitais estrangeiros, a não manter essas características de enclave, mas ao contrário, conseguir inserir-se dentro de um contexto de industrialização anterior a 1930. Para esta análise foram tomados como referência os conceitos inerentes à teoria marxista da dependência desenvolvidos por Vânia Bambirra, como sua classificação em tipologias do Tipo A, B ou C para os países latino-americanos, e os conceitos de padrão de reprodução do capital e de divisão internacional do trabalho, trabalhados por Ruy Mauro Marini e aprofundados por Jaime Osorio.

Palavras-chave: Chile, salitre, Guerra do Pacífico, dependência econômica e história econômica

## Sumário

Introdução .....	5
1. O padrão agromineiro exportador na história econômica do Chile .....	14
1.1 O salitre .....	17
1.2 A Guerra do Pacífico .....	19
1.3 A classe dominante a partir do período pós-guerra do Pacífico .....	23
1.4 O ciclo do salitre .....	26
2. As reformas após a Guerra do Pacífico .....	32
2.1 Hipóteses sobre o destino das receitas das exportações .....	36
2.2 A diversificação de atividades no ciclo do salitre, ferrovias e <i>maestranzas</i> .....	40
3. Conclusão .....	46
4. Fontes e Referências bibliográficas .....	50
4.1 Fontes .....	50
4.2 Referências bibliográficas .....	50
5. Anexos	
FIGURA 1.....	53
FIGURA 2.....	54
FIGURA 3.....	55
FIGURA 4.....	56
FIGURA 5.....	57
QUADRO A .....	58
QUADRO B .....	60
QUADRO C .....	61
QUADRO D .....	62

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo investigar o ciclo do salitre na história econômica do Chile devido à importância que a exploração deste mineral representou para a história do país. O salitre foi durante meio século um dos pilares de sustentação da economia do Chile, o que pode ser observado pela teoria da “*mesa de três pés*”, de Véliz (1963, p. 104, apud PALMA)<sup>1</sup>, da qual faziam parte os exportadores de minérios do norte, os exportadores agrícolas do sul e as grandes casas de importação.

Desde o período de estabilização política pós-independência, sob a administração de Diego Portales em 1833, e até a década de 1860, as exportações do país compreendiam essencialmente o trigo, a prata e o cobre. Porém, a partir de meados da década de 1860, o salitre viria a despertar interesse nos mercados europeus, nos países que realizavam sua revolução industrial. A demanda por fertilizantes na Europa levou os empresários chilenos a ampliar o território explorado em várias direções e isto incluiu regiões fora dos domínios nacionais, como as regiões ao norte do Deserto de Atacama. Anteriormente, em 1846, o Chile já iniciara a exploração do guano<sup>2</sup> em Mejillones, na província de Antofagasta, ainda território boliviano, e em meados de 1860, iniciou-se a exploração do salitre na mesma província. O mineral se tornaria o principal produto de exportação do Chile e a principal fonte de divisas e de arrecadação fiscal, materializando a vinculação da economia chilena ao mercado mundial, no marco da divisão internacional do trabalho.

A historiografia tem convencido chamar de ciclo do salitre o período compreendido entre 1860 até o final da década de 1920, com a Grande Depressão, mas é na década de 1880, após a Guerra do Pacífico, quando ocorre uma das singularidades desse ciclo. Paradoxalmente, no período anterior à guerra (1860 -1879), quando Bolívia e Peru detinham o controle das regiões contendo as jazidas de salitre, os capitais investidos estavam majoritariamente nas mãos de empresários chilenos. Após o conflito, quando o Chile anexou os territórios em questão, estes

---

<sup>1</sup> PALMA, G. La economía chilena desde la Guerra del Pacífico a la Gran Depresión. In: CÁRDENAS, E. et al. **La era de las exportaciones latinoamericanas – de fines de siglo XIX a principios del XX**. México, Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 333.

<sup>2</sup> O guano é o nome dado ao produto resultante do acúmulo de fezes das aves da região. Assim como o salitre, era utilizado como fertilizante devido ao seu alto teor de nitrogênio. Seus depósitos compreendiam extensas áreas do território peruano (anterior à Guerra do Pacífico), bem como algumas ilhas, e foi, durante os anos anteriores à exploração do salitre, base da economia de exportação peruana.

capitais passaram a ser controlados por empresários estrangeiros, em sua maioria britânicos<sup>3</sup>.

Isto remete à segunda motivação que suscitou este trabalho. O maior controle sobre o mineral por parte de capitais estrangeiros, sobretudo ingleses, é um processo que encontra explicação na análise dos teóricos da dependência. Porém, não são as razões pelas quais os capitais ingleses apoderaram-se do negócio do salitre, junto com sócios locais, os objetivos deste trabalho. O motivo que orienta o estudo é investigar por que a economia chilena, que se vinculou ao mercado mundial através da exploração do salitre, diferentemente de outros países latino-americanos que também apresentavam uma situação de enclave<sup>4</sup>, como Guatemala, Peru, Venezuela, Bolívia e outros, não se tornou uma economia de enclave ou um país de tipo B, segundo tipologia<sup>5</sup> apresentada por Vânia Bambirra em “*El capitalismo dependiente latinoamericano*”<sup>6</sup>. Segundo a autora:

“No Chile o desenvolvimento industrial que se leva a cabo desde o início do século [XX], apesar dos enclaves do salitre e do cobre, também deve ser explicado pelo desenvolvimento de relações de produção capitalistas em outros setores, como a agricultura e em setores complementares à economia exportadora que permitem a expansão do mercado interno.”<sup>7</sup>

Portanto, o Chile parece ser um caso atípico<sup>8</sup>, devido às condições apresentadas, e prossegue:

“Os países que já haviam iniciado sua industrialização antes do pós-guerra [1945] são: Argentina, México, Brasil, Chile, Uruguai e Colômbia. (...) No Chile, as primeiras tentativas de industrialização datam do último quarto do século XIX. (...) Estes seis países correspondem ao tipo que chamamos ‘países com começo de industrialização antiga’ (Tipo A).”<sup>9</sup>

---

<sup>3</sup> OSORIO, J. **Raíces de la democracia en Chile, 1850 – 1970. Reinterpretación del desarrollo económico y político**. 1. Ed. México: Ediciones Era, 1990. p. 46.

<sup>4</sup> Economia de enclave refere-se à economia de uma região que se diferencia do restante da economia à qual está integrada. Ela apresenta variações e uma delas é a que está apresentada nesta pesquisa, a de uma economia mineradora controlada por capitais estrangeiros inseridos num mercado nacional.

<sup>5</sup> Segundo proposta da autora para a tipificação dos países: tipo A são aqueles países que apresentavam um princípio de industrialização anterior ao período pós-guerra (1945); tipo B corresponde aos países cuja industrialização iniciou-se após a Segunda Guerra Mundial; e tipo C aqueles com pouco ou nenhum processo de industrialização após esse período. Evidentemente a proposição de Bambirra é muito mais complexa do que isto. Apresenta-se aqui de maneira simplificada para fornecer a base da argumentação a que se propõe este trabalho.

<sup>6</sup> BAMBIRRA, V. **El capitalismo dependiente latinoamericano**. 5. ed. México: Siglo XXI, 1978. 181p.

<sup>7</sup> Idem, p. 20.

<sup>8</sup> Não apenas o Chile, mas também o México, segundo a autora.

<sup>9</sup> BAMBIRRA, p. 24 e 26.

Desde a contribuição inovadora do livro de Bambilra, publicado pela primeira vez no começo da década de 1970, poucos autores seguiram um caminho similar ao de sua hipótese para explicar as origens da indústria e do processo de industrialização no Chile e o porquê de um país com enclaves mineiros não haver-se tornado uma economia de enclave.

Assim, a proposta do estudo inspira-se na teoria da dependência econômica, desenvolvida por Ruy Mauro Marini, Vânia Bambilra, Theotonio dos Santos, André Gunder Frank, Jaime Osorio, entre outros intelectuais na década de 1960 e 1970<sup>10</sup>, para analisar tipo de desenvolvimento econômico a que o país foi submetido durante o ciclo do salitre.

Com base na diferenciação interna entre os países dependentes, conforme a tipologia de Bambilra, procura-se investigar alguns elementos históricos concretos que ajudem a explicar como, apesar do enclave salitreiro, e até mesmo parcialmente em função dele, o Chile apresentou uma trajetória econômica nos termos do que a tipologia em questão chamou de Tipo A.

Um exemplo dessa precoce capacidade industrial, nos limites da dependência, é claro, vem da experiência da Guerra do Pacífico, quando em um momento de grande crise para o país acreditava-se que esta se agravaria ainda mais com a eclosão do conflito. O que ocorreu foi justamente o contrário, como destaca Bambilra, citando Francisco Encina:

“A indústria fabril multiplicou dez, vinte e até cem vezes a confecção de vestuário, calçados, artigos para confecção de bainhas e cintos, pólvora, produtos químicos e farmacêuticos, barris, mochilas, barracas, equipamentos de artilharia, caldeiras para embarcações, etc.”<sup>11</sup>

Portanto, é possível perceber a existência de uma produção nacional, nos moldes de uma incipiente industrialização nas últimas décadas do século XIX, como refere a autora e que permitem posicionar o Chile na condição de país Tipo A.

No entanto, conforme mencionado, outros países também tiveram economias exportadoras baseadas no sistema de enclave, mas por direcionamentos a que foram induzidos apresentaram um desenvolvimento econômico-social que os coloca entre os países Tipo B, como são os casos de Equador, Peru, Venezuela, Bolívia, Guatemala, Costa Rica, El Salvador, Panamá,

---

<sup>10</sup> Aqui diferencia-se a vertente da teoria da dependência desenvolvida por estes autores e aquela representada por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto.

<sup>11</sup> LAGOS, 1966, p. 24, apud BAMBIRRA.

Nicarágua, Honduras, República Dominicana e Cuba<sup>12</sup>.

A proposta deste estudo é identificar quais foram os elementos que permitiram ao Chile desenvolver no período das grandes exportações, ou seja, ao final do século XIX e início do XX, condições de crescimento que garantissem sua inserção no mercado internacional como uma das economias relativamente mais desenvolvidas da região.

Cabe aqui outra colocação sobre o marco teórico que serve de referência a este trabalho. Em sua obra, Vânia Bambirra apresenta os esforços de vários autores em tentar fornecer uma interpretação marxista para o capitalismo latino-americano, mas destaca que, apesar dos esforços, ainda não se havia conseguido desenvolver (em 1971), de forma sistemática, o que poderia ser chamado de teoria marxista da dependência<sup>13</sup>. Em seu trabalho, a autora analisa o capitalismo latino-americano tomando como núcleo central da análise a acumulação e a reprodução dependentes<sup>14</sup>. A autora explica:

“Na América Latina o capitalismo se desenvolveu dentro do contexto de expansão e evolução do capitalismo mundial. Devido a isto ele assumiu formas específicas e configurou, da mesma forma, tipos específicos de capitalismo dependentes cujas características e modo de funcionamento estão intimamente ligados com a dinâmica que historicamente assume o capitalismo nos países centrais.”<sup>15</sup>

Esta ideia encontra um paralelo nos postulados de André Gunder Frank em “*Desarrollo del subdesarrollo*”<sup>16</sup>, onde este refere que:

“(…) a pesquisa histórica demonstra que o subdesenvolvimento contemporâneo é, em grande parte, o produto histórico das relações econômicas e de outros tipos [de relações], passadas e atuais, que mantinha e mantém o país satélite subdesenvolvido com os países metropolitanos agora desenvolvidos.”<sup>17</sup>

Onde o país satélite é o dependente e os países metropolitanos correspondem aos países centrais de Bambirra. Em seu artigo, Frank também critica o postulado em voga de que o

---

<sup>12</sup> BAMBIRRA. Op. Cit., p. 28.

<sup>13</sup> Bambirra, p. 1.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>16</sup> FRANK, A. G. *Desarrollo del subdesarrollo. Monthly Review Selecciones em castellano*, Barcelona, n. 4, p. 145 – 157, 2005 (1966). Disponível em [http://www.cienciasocialcritica.com/media/0/126/mr410\\_g\\_frank.pdf](http://www.cienciasocialcritica.com/media/0/126/mr410_g_frank.pdf) Acesso em 30 out. 2013.

<sup>17</sup> Idem, p. 146.



subdesenvolvimento seria um estágio anterior ao do desenvolvimento, ou seja, através de uma sucessão de estágios os países menos desenvolvidos alcançariam, em um determinado momento, as mesmas condições dos países desenvolvidos. Esta tese é facilmente descartada, pois basta ver na história econômica dos países que o subdesenvolvimento “*não é original, nem tradicional*”<sup>18</sup> e que “*em nenhum momento o passado ou o presente dos países subdesenvolvidos assemelha-se em algum aspecto relevante aos países desenvolvidos*”<sup>19</sup>.

Esta ligação com a dinâmica da economia dos países ditos centrais obriga a uma série de mudanças estruturais nos países dependentes. Estas transformações irão reorientar o sentido da industrialização nos países onde ela já havia começado e a irão orientar nos países onde, até então, o processo de industrialização não havia sido desencadeado. Posto isto, nos aproximamos melhor do tema que preside esta monografia, ou seja, da busca pela base material e das condições que atuaram nas origens e no decurso inicial do processo de industrialização no Chile, no contexto de um capitalismo dependente influenciado pelos capitais estrangeiros de países centrais.

Vânia Bambirra também faz uma crítica às várias tentativas de elaboração de tipologias anteriores à sua para o estudo dos países latino-americanos, questionando as limitações provenientes das diversas metodologias utilizadas para explicá-las, fossem elas empiristas, gradualistas ou sociológicas. Para a autora:

“Todas estas tentativas tipológicas supõem um modelo de desenvolvimento inspirado nos países desenvolvidos (em relação ao seu nível de industrialização, nível de vida, nível cultural, etc.) em função do qual as tipologias são estruturadas segundo a maior ou menor aproximação que os países latino-americanos tenham a este modelo. (...) Não compreendem estes autores que o “atraso” dos países dependentes tem sido uma consequência do desenvolvimento do capitalismo mundial que, por sua vez, é a condição de desenvolvimento das grandes potências capitalistas mundiais.”<sup>20</sup>

A obra de Vânia Bambirra apresenta um estudo metodológico, com sua tipologia diferenciando países Tipo A e Tipo B (e também Tipo C), cujos fundamentos diferem da clivagem das economias de controle nacional e economias de enclave que Cardoso e Faletto elaboraram em “*Dependencia y desarrollo en América Latina*” (1969), utilizada para classificar os países latino-

---

<sup>18</sup> FRANK. Op. Cit., p. 146.

<sup>19</sup> Idem, p. 146.

<sup>20</sup> BAMBIRRA. Op. Cit., p. 12 – 13.

americanos quanto ao seu grau de desenvolvimento e de dependência. Ela procura identificar os pontos fracos, para então apresentar a sua tipologia, com a qual irá trabalhar, e que servirá de referência para este trabalho.

Sem desconsiderar os méritos de Cardoso e Faletto (“*os autores propõem uma análise integrada do desenvolvimento, através de uma valiosa discussão metodológica que parte de uma crítica aos enfoques empiristas e estruturalistas*”<sup>21</sup>), Bambirra faz um conjunto de críticas aos autores. A primeira crítica é quanto à ausência do fator econômico no estudo dos autores. Este é abordado de uma forma muito geral a partir da qual se desenvolve uma análise essencialmente sociológica<sup>22</sup>, e sem o aprofundamento necessário, pois

“não permite revelar, em toda sua complexidade, a intrincada gama da ação dos diversos grupos e classes sociais que atuam em função de interesses econômicos objetivos, cuja imposição exige a luta pela hegemonia política. Somente a existências destes interesses pode revelar o sentido da ação política e sociológica dos atores, a que se manifesta muitas vezes em movimentos sociais aparentemente difusos e incoerentes.”<sup>23</sup>

A autora não desmerece a importância da análise sociológica, mas destaca suas limitações diante de temas tão complexos como os trabalhados por Cardoso e Faletto.

A segunda crítica diz respeito à tipologia elaborada pelos autores. Segundo Bambirra,

“Falta na obra uma discussão mais ampla sobre o processo de mudanças nas estruturas que tiveram lugar nas sociedades dependentes latino-americanas a partir da segunda metade do século XIX e início do XX, em função das profundas transformações que ocorreram nos países capitalistas desenvolvidos. Porque, na medida em que não se faz tal discussão, a origem e configuração dos dois tipos básicos (ou seja, os países que conseguiram o controle nacional do processo produtivo e os de economia de enclave) se explicam apenas pelo que ‘já estava apresentado na situação colonial’, ou seja, pelo modo como as colônias se relacionaram com as metrópoles, neste caso, Portugal e Espanha.”<sup>24</sup>

Como este trabalho tentará apresentar, a explicação de Cardoso e Faletto é insuficiente, pois não explica como e por que no Chile houve um processo de industrialização anterior a 1945 (com um relativo controle nacional), apesar de ser uma economia onde existiam enclaves mineiros.

---

<sup>21</sup> BAMBIRRA. Op. Cit., p. 13.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 18.

A terceira crítica refere-se à classificação dos países, pois esta carece de explicação para o caso chileno (e também o mexicano). Segundo os dois autores, ambos os países estariam classificados num critério inexistente aos tipos apresentados, ou seja, estariam situados entre os países típicos de economia de enclave e os de controle nacional do processo produtivo, não se enquadrando especificamente em nenhum dos dois critérios (ou enquadrando-se simultaneamente nos dois)<sup>25</sup>.

Inspirado na tipologia e na hipótese de Bambirra, se analisará o ciclo do salitre na história econômica do Chile, lançando mão também do conceito de padrão de reprodução do capital (desenvolvido por Jaime Osorio<sup>26</sup>), especialmente no que o conceito se refere ao espaço geográfico.

Dentro do padrão (de reprodução do capital) agromineiro exportador, o qual inseriu a América Latina no mercado internacional após os processos de independência, é possível distinguir duas realidades vinculadas. Uma refere-se às economias que requerem um uso extensivo de territórios para a produção, como plantações de trigo e criação de gado, e a outra às que requerem o uso intensivo. Nesta última enquadram-se os enclaves mineiros. Em ambos os casos, é necessária uma infraestrutura que ligue as áreas de produção às zonas de escoamento destas. No século XIX, esse papel é desempenhado pelos portos, quando alguns se convertem em importantes centros comerciais, financeiros e populacionais, pois estes são a principal via de saída das exportações e chegadas das importações<sup>27</sup>; mas também pelas ferrovias, que no caso chileno contribuíram para o surgimento da indústria metalúrgica através das *maestranzas*<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> Há uma quarta e última crítica que se refere ao caráter insuficiente da análise do período pós Segunda Guerra Mundial (1945), a qual, porém, vai além do marco temporal proposto neste trabalho.

<sup>26</sup> OSORIO, J. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. In: FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. (orgs). **Padrão de reprodução do capital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 37 – 86. Os portos de Valparaíso, no Chile, e Callao, no Peru, são exemplos desse crescimento. Cf. PALMA, Op. Cit., p. 301.

<sup>27</sup> Idem, p. 74.

<sup>28</sup> O termo, de origem espanhola do período colonial e anterior às ferrovias, é utilizado para definir uma instalação de características pré-industrial e artesanal. Este por sua vez, deriva do termo “maestrar” ou “maestro”, que em português significa “mestre”, e nos países de colonização hispânica designa o exercício de uma habilidade que um indivíduo possui e o ato de intervir, devido a essa capacitação, na atividade ou operação para a qual foi designado. Anterior ao advento das ferrovias, o termo *maestranza* era utilizado para definir o conjunto de fábricas e oficinas mecânicas dedicadas à construção, reparo e montagem dos equipamentos de artilharia e dos veículos necessários ao seu transporte (GUAJARDO S, G. **La maestranza ferroviaria y los orígenes de la industria metalmeccánica em América Latina: “métodos inferiores”, tecnología y producción em México y Chile, ca. 1850 – 1890**. México, 2006, 26p. Disponível em <http://www.docutren.com/archivos/malaga/pdf/VI12.pdf> . Acesso em 15 nov. 2002.). No sentido mais arcaico da palavra, definia a habilidade de mestres nas artes como, por exemplo, pintura e escultura. Posteriormente, o termo passou a ser utilizado na América Latina para definir também fábricas e oficinas mecânicas

Neste ponto, podemos expor a pergunta que esperamos ajudar a responder neste trabalho. A questão que se pretende discutir é: se o início de industrialização antes de 1945 é o que determina, no âmbito do capitalismo dependente latino-americano, o processo histórico de países que chegaram a alcançar uma diversificação produtiva (nos limites e marcos da dependência), sendo esta a diferença entre os países Tipo A e Tipo B (nestes últimos tendo permanecido, em larga medida, a lógica do enclave), quais foram, no caso da história econômica do Chile, as determinações causais que, no contexto do ciclo do salitre, permitiram que o país desse impulso a um processo de industrialização, deixando de seguir o caminho de uma economia de enclave típica?

Como hipóteses e em uma primeira aproximação ao tema, que não se espera esgotar neste estudo inicial através desta abordagem, o trabalho procurará discutir: a precoce centralização e estabilização do Estado chileno no processo de formação do Estado nacional; o papel cumprido pela vitória do Chile na Guerra do Pacífico e a fonte de financiamento que foi o controle sobre as jazidas de salitre e suas rendas; e o desenvolvimento de atividades complementares e concomitantes à economia salitreira, como as *maestranzas*, por exemplo.

No capítulo 1 faz-se uma descrição da economia salitreira e do ciclo do salitre na história econômica chilena, em diálogo com a historiografia econômica sobre o país e com a ideia do padrão agromineiro exportador. É apresentado como se deu o início da estabilização política no Chile, bem como a interferência ativa do Estado nas questões econômicas, e sua contribuição para um período de prosperidade do mercado nacional. A Guerra do Pacífico também é tratada neste capítulo e são propostas algumas causas para o seu início, assim como seu reflexo na economia do país. O capítulo encerra com o declínio das exportações do salitre, após a descoberta de seus substitutos sintéticos.

No capítulo 2 apresentam-se as reformas executadas pelo governo chileno no pós-guerra (do Pacífico), na tentativa de incentivar o desenvolvimento manufatureiro, e a consequente diversificação de suas atividades, como o surgimento da metalurgia com as *maestranzas* e a expansão das ferrovias. O controle das receitas de exportações e das tarifas de importação também será abordado, pois em grande medida explica porque o processo de industrialização

---

ferroviárias. No caso destas, significou uma transferência de tecnologia dos estabelecimentos britânicos no século XIX, o que permitiu desenvolverem uma forte produção interna, diferentemente dos fabricantes de locomotivas e vagões, os quais se dedicaram fundamentalmente a exportar.

chileno, mesmo incipiente, se manteve ativo durante os anos de recessão e não sucumbiu às crises.

Na conclusão são feitas considerações sobre as evidências encontradas e contrapostas com os conceitos anteriormente abordados, de maneira a corroborar as hipóteses sugeridas de que o Chile não se tornou um país de tipo B devido a esse precoce processo de industrialização, ainda no final do século XIX. A ativa participação estatal no controle das tarifas de exportações e importações, da mesma forma que o fomento às manufaturas, foi fundamental para sustentar uma estrutura industrial que, entre outras razões, foi responsável justificar essa conclusão.

## Capítulo 1 O padrão agromineiro exportador na história econômica do Chile

Neste capítulo abordaremos o padrão agromineiro exportador e a importância do salitre para a economia chilena, bem como para a economia europeia. O momento político e econômico vivido pelo Chile entre o período pós-independência e o período anterior ao ciclo do salitre (1830 - 1878) será abordado, a fim de oferecer um pano de fundo para auxiliar na compreensão dos argumentos que seguirão para então consolidá-los e construir a proposta deste trabalho. Este período é tratado por alguns autores, como Cariola e Sunkel<sup>29</sup>, como *o primeiro ciclo de expansão e crise*.

Cariola e Sunkel aprofundam-se na análise dos dois grandes ciclos de expansão e crise da economia chilena. O estudo dos autores aborda os dois ciclos, mesmo com as limitações bibliográficas que envolvem o primeiro, como falta de registros e literatura apropriada da época. Apesar da detalhada abordagem e de apresentarem as principais características políticas, sociais e econômicas dos períodos, os autores não explicam as consequências do declínio do ciclo do salitre no início do século XX até a Grande Depressão, o que para muitos historiadores, como Palma e Lewis<sup>30</sup>, representou o golpe de misericórdia na economia baseada nos nitratos e explica o caráter dependente que a economia chilena vinha adquirindo e que se acentuou a partir de 1930. Mais ainda, não apresentam uma justificativa para o motivo de a economia do Chile não haver-se tornado uma economia de enclave, apesar de apresentar esse caráter a partir do momento em que os capitais investidos nos territórios salitreiros passaram a ser majoritariamente de empresários estrangeiros após a Guerra do Pacífico.

Por sua vez, Jaime Osorio coloca as singularidades do processo de desenvolvimento (e dependência) do Chile em comparação com outros países de economia similarmente influentes no contexto econômico latino-americano<sup>31</sup>. Um desses traços que caracterizam a economia chilena é a deficiência recorrente que seu processo de acumulação apresenta. Por recorrente entenda-se historicamente, pois o crescimento econômico do Chile é caracterizado por sua irregularidade, suas oscilações, alternando momentos de grande crescimento e outros de profunda

---

<sup>29</sup> CARIOLA S., C.; SUNKEL, O. **Um siglo de historia económica de Chile, 1830 -1930. Dos ensayos y una bibliografias**. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1982. p. 16 e 21 – 39.

<sup>30</sup> LEWIS, C. La industria de América Latina antes de 1930. In: BETHEL, L. **Historia de América Latina, vol. 7**. Barcelona: Editorial Crítica, 1991

<sup>31</sup> OSORIO, OP. Cit., p. 25.

depressão desde inícios do século XIX. Osorio usa o termo “errático” para definir esse perfil de crescimento.

O primeiro ciclo de desenvolvimento chileno após o período de independência foi fruto de uma expansão em diversos setores como a urbanização, o crescimento demográfico e territorial, e nas instituições estatais, tanto na administração civil nos setores executivo, legislativo e judicial. O desenvolvimento dos transportes, principalmente ferrovias, estradas, navegação de cabotagem, e das comunicações (com o telégrafo), serviu também como fator de integração nacional e ampliação territorial tanto no norte quanto no sul. Tais elementos constituíram uma infraestrutura básica que permitiu um desenvolvimento considerável da produção nacional, baseada na mineração e agricultura, além da forte influência do Estado. Todos estes fatores, associados ao sistema internacional no seu auge e ao investimento de empresários nacionais, tornaram possível um notável crescimento econômico no primeiro ciclo<sup>32</sup>.

Para Julio César Jobet,

“...é um fato conhecido que a economia chilena é uma das economias latino-americanas que consegue uma integração mais rápida e profunda ao mercado mundial após os processos de independência no século XIX. O segundo terço desse século é o período quando a economia alcança o seu auge, com uma participação significativa das exportações chilenas no comércio internacional. A produção de prata e cobre cresceu ostensivamente entre 1850 e 1860, constituindo o Chile como o principal produtor de cobre do mundo, cobrindo cerca de 60% da produção mundial.”<sup>33</sup>

No entanto, não é apenas a indústria mineradora que influi na rápida incorporação do Chile ao mercado mundial, que permitiu que entre 1844 e 1860 o valor das exportações crescesse 400%. Deve-se destacar o notável desenvolvimento da agricultura, cuja produção quintuplicou entre 1844 e 1860, representando aproximadamente 45% das exportações para o período<sup>34</sup>. No quadro abaixo podemos ver uma referência para as principais exportações chilenas em 1852.

---

<sup>32</sup> CARIOLA e SUTTER. Op. Cit., p. 12.

<sup>33</sup> JOBET, 1982, p. 55, apud OSORIO.

<sup>34</sup> BALTRA, 1967, p. 468, apud OSORIO.

Tabela 1. Principais produtos exportados pelo Chile em 1852.

Produtos	Quantidade	Unidade	Equivalência (kg) <sup>35</sup>
Trigo .....	117.607	quintais métricos <sup>36</sup>	11.760.700
Cevada .....	198.904	quintais métricos	19.890.400
Feijão .....	35.764	quintais métricos	3.576.400
Lã .....	17.782	quintais métricos	1.778.200
Nozes .....	7.803	quintais métricos	780.300
Prata .....	138.952	quilos	-
Cobre .....	16.352	toneladas	-

Fonte: Martner, D. *Historia económica de Chile*, Establecimientos Gráficos Balcells, Santiago, 1929.

A manufatura encontrou no auge do comércio exterior condições propícias para a sua expansão. Desta forma, a economia chilena no último terço do século XIX apresenta-se com um dinamismo peculiar. Vários fatores contribuem para este processo. O primeiro que merece destaque é a rápida conformação do Chile como Estado Nacional. Segundo Aníbal Pinto, “*os fatos são eloquentes para demonstrar que a solução política portaliana<sup>37</sup> foi vantajosa para o desenvolvimento econômico do país. Não o afogou, nem o deteve*”<sup>38</sup>. No entanto, além do que sugere este autor, Osorio aponta a existência de outros fatores mais objetivos que permitem a rápida integração nacional e sua consolidação no plano estatal.

Diferentemente do que ocorreu na Argentina, onde havia uma clara diferenciação regional entre grupos políticos da costa e do interior, no Chile a luta entre setores regionais assumiu um caráter limitado. Isto se deve primeiramente à frágil diferenciação entre os setores dominantes no momento da independência, dada o desenvolvimento relativamente menor das atividades que tinham lugar no país, o que era uma situação distinta de outras colônias

<sup>35</sup> MORELL y TERRY, L. Equivalências métricas de la provincia de Granada. **Editorial Fajardo El Bravo**. Disponível em <http://www.editorialfajardoelbravo.es/articulos/arqueologia/Equimet.pdf> Acesso em 30 out. 2013.

<sup>36</sup> Um quintal métrico equivale a 100 kg.

<sup>37</sup> Diego Portales, ministro do interior do Chile em 1830/31. A solução constitui uma série de medidas de modo a organizar o país, uma vez que este se encontrava envolvido em uma instabilidade política e social que remontava a 1824, quando da renúncia de Bernardo O’Higgins. Estas medidas, de caráter nitidamente autoritário, visavam dar plenos poderes ao governo, subordinando a este o exército, dissolvendo grupos políticos rivais e definindo claramente os papéis da oposição e do governo.

<sup>38</sup> PINTO S.C., A. **Chile, un caso de desarrollo frustrado**. Santiago, Editorial Universitária, S.A., 1959, p. 20. (Colección América Nuestra).



espanholas. Posteriormente, “*o conjunto de incipientes capitais regionais conseguem integrar-se dinamicamente ao mercado mundial, o que limita o campo de disputas*”<sup>39</sup>. Desta forma se obtém uma precoce unificação do país e a conformação de um Estado forte e centralizado.

O dinamismo dessa integração ao mercado internacional foi dado pela variedade de produtos exportados, onde tanto os setores mineiros do Norte Chico<sup>40</sup>, produtores de prata e cobre, quanto os do centro e sul do país, produtores de trigo principalmente, conseguiam satisfazer suas exigências econômicas. Nesse esquema, os acordos políticos perduravam em níveis estatais e minimizavam disputas regionais. Este processo foi sustentado pela demanda mundial das mercadorias produzidas pelo Chile. A chamada Febre do Ouro, na Califórnia, e o crescente mercado australiano, especificamente de bens agrícolas, estimularam as exportações a regiões às quais os produtores de grãos da costa atlântica da América do Sul não podiam chegar com a mesma facilidade. A dependência do desenvolvimento econômico interno atrelado ao dinamismo do mercado exterior constitui uma característica do capitalismo chileno<sup>41</sup>. Desta forma, vemos o conceito de dependência destacado anteriormente aplicado à situação econômica descrita por Osorio no que tange às exportações para mercados internacionais.

É importante destacar que a prosperidade econômica se estabelece sendo os grupos econômicos nacionais os detentores dos setores produtivos que ligavam a economia interna ao mercado exterior. Este fato é de suma importância, pois determinava que, além da transferência de valor que operava no comércio internacional em detrimento das economias dependentes, uma parte substancial do valor produzido tenderia a ser revertido dentro da economia chilena. Os donos de terras e minas reinvestiam os lucros para manter e aumentar a produção e, desta forma, refazer o processo com seus novos lucros<sup>42</sup>.

## 1.1 O salitre

O salitre é um mineral encontrado em depósitos naturais<sup>43</sup> e é composto basicamente de

---

<sup>39</sup> OSORIO. Op. Cit., p. 42.

<sup>40</sup> “Norte Chico” é o nome dado à região compreendida aproximadamente entre os paralelos 27°S e 32°S, respectivamente as regiões de Atacama e Coquimbo (ver figura 2, p. 54).

<sup>41</sup> OSORIO. Op. Cit., p. 42.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Hoje o salitre também pode ser sintetizado em laboratório.

uma mistura de nitratos, mais precisamente nitrato de sódio e nitrato de potássio, cujo uso pode se dar tanto na agricultura, como fertilizante, como na indústria bélica ou mineradora, na fabricação de pólvora para explosivos. No século XIX suas reservas eram abundantes na região do deserto de Atacama, hoje pertencente ao Chile, e foi durante muitos anos uma poderosa fonte de recursos econômicos para os países cujos territórios, naquele período, faziam parte dessa pequena faixa na costa do Pacífico, no caso Chile, Bolívia e Peru.

O deserto de Atacama é conhecido por ser o local mais árido do mundo, chove em média 0,07 mm por ano<sup>44</sup>. É também conhecido por possuir as maiores reservas naturais de salitre do mundo<sup>45</sup>. Esta particularidade climática torna ainda mais peculiar a região e suas jazidas, uma vez que o nitrato é um composto altamente solúvel e, por isso, é encontrado principalmente em depósitos submersos de rios, lagos ou oceanos. No entanto, a aridez excessiva do deserto permite que o salitre se preserve a céu aberto<sup>46</sup>.

A obtenção natural do salitre se dá através de um processo conhecido por *nitrificação*, no qual bactérias convertem amônia em nitrato. A amônia presente nos depósitos pode ter origem no excremento de aves marítimas da região<sup>47</sup>, também conhecido por guano e que também foi motivo de exploração comercial simultaneamente com o salitre em um determinado período do século XIX.

O “ouro branco”, como era chamado o salitre à época, não foi uma descoberta do homem europeu, assim como o seu uso como explosivo ou fertilizante é anterior ao século XIX. Quando da chegada à América, no século XV, os incas já faziam uso do *caliche*, um subproduto do nitrato de sódio, como fertilizante para seus cultivos<sup>48</sup>. Contudo, somente a partir de 1830 teve

---

<sup>44</sup> History Channel. (2009). **Como a Terra se formou – episódio: o local mais seco do planeta**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8B-f-wa8gk> Acesso em 30 out. 2013.

<sup>45</sup> SEO, J. H. Solving the mystery of the Atacama nitrate deposits: the use of stable oxygen isotope analysis and geochemistry. *The Journal of Purdue Undergraduate Research*, Indiana, v. 1, p. 38. Disponível em <http://docs.lib.purdue.edu/jpur/> Acesso em 31 out. 2013.

<sup>46</sup> Idem, p. 40.

<sup>47</sup> SEO.Op. Cit., p. 41.

<sup>48</sup> Seu conhecimento oficial é dado pelos espanhóis já em 1528, através de documentos expedidos com a finalidade de delimitar as corregedorias, nos quais constam os limites fixados em regiões referidas como pampa *Salitral* e pampa *Salitral del Solo*. Entretanto, o uso do salitre foi proibido, conforme decreto de Felipe II, Rei da Espanha, em 1571: “*Ordenamos que não se possa fabricar pólvora em nenhuma parte das Índias, sem licença do governador ou corregedor, (...)*” (HERNÁNDEZ, Idem, p. 13.). *Em razão desta e de outra cédula real seguinte, interrompeu-se a produção oficial de pólvora no Peru, o que originou uma indústria artesanal clandestina devido à demanda e também à destreza dos indígenas no manuseio do mineral, sendo seu comércio para as minas de prata realizado na forma de contrabando*. Em 1820 foi enviado um carregamento de salitre para Liverpool, mas este foi jogado ao mar

início a sua exploração comercial, ou seja, a sua exportação, mas mesmo assim em quantidades pouco significativas se comparadas aos carregamentos que os anos seguintes viriam a proporcionar. As únicas jazidas conhecidas estavam na província de Tarapacá, então território peruano, posteriormente descobriram-se mais reservas na província de Antofagasta, de domínio boliviano<sup>49</sup>. Essa combinação territorial proporcionou uma espécie de

“consórcio político-comercial entre as duas nações (...) de tanta solidariedade e importância que, nos anos seguintes, chegou a traduzir-se em um verdadeiro perigo sul-americano e como os capitalistas chilenos, que sempre tiveram uma situação preponderante nessa região, principalmente na indústria do salitre, sentiram-se incomodados e perseguidos em seus interesses legítimos, chegaram a produzir incidentes tais que deflagraram um ruidoso rompimento das relações internacionais.”<sup>50</sup>

O domínio do Peru e da Bolívia durou quase cinquenta anos, até 1879, com o início da Guerra do Pacífico. A quantidade de salitre exportada no primeiro ciclo (1830 – 1879) alcançou cerca de 30 milhões de toneladas, enquanto que no ciclo seguinte (1880 – 1930) este valor quase triplicou, chegando a aproximadamente 80 milhões de toneladas<sup>51</sup>. A demanda mundial pelos nitratos, dada pela expansão da agricultura num primeiro momento e pela Primeira Guerra Mundial em seguida, explica esse expressivo aumento.

## 1.2 A Guerra do Pacífico (ou a Guerra do Salitre)

Ao iniciar-se a guerra o Chile enfrentava uma de suas piores crises econômicas desde a sua independência, a qual estava chegando a um ponto quase incontrolável. As dificuldades haviam começado em 1873, devido à crise econômica internacional que pôs fim ao chamado

---

por falta de compradores (HERNÁNDEZ. Idem, p. 5.). Há outros relatos, alguns anteriores ao século XIX, de alguns viajantes europeus que se declararam os pioneiros em levar as primeiras amostras do mineral para seu continente, mas não receberam o retorno esperado. Um dos mais conhecidos destes pioneiros, ou o mais conhecido no contexto que estamos abordando, talvez seja um explorador nascido na região da Boêmia, comparado a Livingstone e Lineu, de nome Tadeu Haenke. Ele chegou à América em 1789 e estabeleceu-se em território boliviano onde iniciou seus projetos de pesquisa essencialmente naturalistas. Suas expedições abrangeram os territórios do Chile, Peru, México, Califórnia, entre outros, e sua contribuição para a expansão do salitre na Europa é considerada fundamental, devido às suas pesquisas de aprimoramento da qualidade do mineral, bem como o fomento à exportação (HERNÁNDEZ C, Op. Cit., p. 13.). De qualquer forma, o primeiro registro oficial do envio de uma remessa de salitre à Europa consta num discreto anúncio de um jornal peruano em 1809 (idem, p. 12.).

<sup>49</sup> MARIN V., S. **El salitre de Chile**. Santiago: Nascimento, 1931, p. 7.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Ibidem.

“auge vitoriano” (ciclo econômico de rápido crescimento, que compreendeu o período desde aproximadamente 1850 até 1873). Assim, entre 1872 e o início da Guerra do Pacífico, o preço do cobre caiu cerca de 40% e o do trigo mais de 30%. Isto contribuiu para que o índice geral de preço das exportações chilenas caísse ao seu nível mais baixo desde que se iniciou o registro desses dados (1844). Esta queda reduziu a capacidade de importações do país, isto se agravou pelo alto valor da dívida pública, a qual havia dobrado na década anterior a 1872, para voltar a crescer 50% entre 1873 e 1878. Consequentemente, em apenas quatro anos (1875 – 1879) as importações reduziram-se à metade. Esta brusca diminuição ocasionou uma reação em cadeia no sistema reprodutivo do país, em grande parte como consequência pela escassez de insumos importados, necessários para o funcionamento de muitas atividades econômicas internas.

Para Palma, esta crise de 1873 foi “*rapidamente compensada por uma grande demanda internacional de salitre*”<sup>52</sup>. Entretanto, o incremento nas exportações se deu somente a partir de 1880 (ver quadro A, p. 58). Durante esse intervalo, a proporção da crise foi significativa a tal ponto que anos mais tarde, em 1891, o então presidente Balmaceda recordou o tema diante do Congresso Nacional e afirmou que “*se não fosse pela Guerra do Pacífico (...) a crise teria adquirido proporções de uma guerra civil*”<sup>53</sup>.

O governo enfrentava sérias dificuldades em pagar os salários ao funcionalismo público<sup>54</sup>. Tão dramática era a situação econômica que seis semanas antes da deflagração da guerra, o senador Cifuentes declarou em um discurso no Senado que “*a pobreza do erário público chegava a beirar a indignação*”<sup>55</sup>. A situação financeira era tão crítica que se tornou insustentável manter o padrão ouro<sup>56</sup>, forçando o Ministro da Fazenda a apresentar um projeto de lei que suspendia a conversão da moeda, no caso o peso. A medida era tão óbvia e necessária, que foi aprovada em menos de vinte e quatro horas pelo Parlamento.

Provavelmente o documento mais revelador sobre a dificuldade enfrentada pelo Chile seja o diário do então presidente Aníbal Pinto, onde três meses antes da guerra havia escrito:

---

<sup>52</sup> PALMA. Op. Cit., p. 305.

<sup>53</sup> Idem, p. 301.

<sup>54</sup> Segundo Palma, esta crise é tida por estudiosos contemporâneos como a pior crise econômica de toda a história independente do Chile.

<sup>55</sup> PALMA. Op. Cit., p. 299.

<sup>56</sup> O padrão ouro era um sistema cambial adotado pelos grandes países comerciais do século XIX, onde a moeda local era convertida a seu equivalente em ouro. Cada país possuía um valor fixo em ouro para sua moeda. Seu uso vigorou até 1914.

“A situação econômica do país é muito ruim e a previsão é de piora ao invés de uma melhora. A colheita foi desprezível e na Europa o preço do cobre continua caindo como nunca antes. Outro ano ruim com uma situação tão delicada como a que temos não trará senão más consequências (...). Caso não se descubra uma nova mina ou tenhamos outras melhoras equivalentes que favoreçam nossa posição, a crise que vem nos afetando já por alguns anos piorará”. (Diário de Anibal Pinto, 18 de novembro de 1878)<sup>57</sup>

Como é possível deduzir, internamente o Chile possuía fortes razões para apropriar-se dos territórios contendo as jazidas de salitre, o que faltava era uma justificativa. Esta foi fornecida pelo Congresso boliviano ao aprovar um novo imposto sobre as exportações de salitre. O governo chileno tentou recorrer ao tratado de 1874, mas de sua parte o governo boliviano alegou que, mesmo havendo-se passado quatro anos, este ainda não havia sido aprovado pelo seu Parlamento<sup>58</sup>.

Outra questão que envolve as razões para a guerra é um tratado de defesa recíproca assinado entre Peru e Bolívia, em 1873, com o intuito de proteger a ambos contra possíveis agressões por parte do Chile. Convém destacar o fato de que as principais divergências em se tratando de questões econômicas e limítrofes envolviam principalmente o Chile e a Bolívia, já que o território chileno fazia fronteira apenas com este país. Portanto, estranha-se o fato de o Peru envolver-se em tal aliança. Para Bonilla, a resposta a esta questão pode estar em uma carta que o Ministro de Relações Exteriores do Peru, José de la Riva Agüero, enviou ao embaixador peruano em La Paz:

“A única política que convém à Bolívia é definir o quanto antes sua situação com o Chile. Prolongar o atual estado das coisas é perder o litoral ou consentir que se explore [a região] em conjunto para que posteriormente o Chile a anexe. A consequência disto seria o grande risco para nós (...) de uma guerra, na qual a Bolívia (...) pudesse converter-se em aliada do Chile. Este temor tem me preocupado há algum tempo e foi o que me conduziu (...) até chegar ao tratado...”<sup>59</sup>

Das várias versões que possam vir das três partes envolvidas, uma situação é concreta: todos enfrentavam crises socioeconômicas internas e a guerra serviria como fator social aglutinante ou desencadearia de vez uma crise ainda maior. O Peru possuía uma crescente dívida externa que vinha de alguns anos e enfrentava dificuldade em conseguir empréstimos de capitais

---

<sup>57</sup> ORTEGA, 1979, p. 455, apud PALMA.

<sup>58</sup> DENNIS, 1931, cap. 3, apud PALMA.

<sup>59</sup> BONILLA. Op. Cit., 1979.

estrangeiros, a Bolívia não apresentava um quadro tão comprometedor, mas vinha se reestruturando economicamente através da exportação da prata e viria a tornar-se um dos maiores produtores do mundo<sup>60</sup>. Por sua vez, o Chile usou a guerra como um “*catalisador que uniu a população em torno de um objetivo comum (...) favorável à expansão territorial*”<sup>61</sup>, amenizando assim uma crise que ameaçava desencadear-se para novos conflitos civis.

Num primeiro aspecto a guerra por si só trouxe grandes consequências econômicas. Desde cedo, o abastecimento de um grande contingente humano incentivou diversas atividades manufatureiras, agrícolas e comerciais. O recrutamento diminuiu consideravelmente o desemprego, resultado da crise desencadeada vinte anos antes. O aumento do gasto público necessário para financiar a guerra, que significou sua duplicação entre 1878 e 1883, foi financiado em grande parte com a receita dos tributos das exportações do próprio salitre<sup>62</sup>.

Ao iniciar-se o conflito, acreditava-se que a pior catástrofe da história do Chile estava se aproximando, mas o que aconteceu foi justamente o contrário: os negócios melhoraram rapidamente, a economia nacional entrou em vigorosa expansão a ponto de enfrentar os gastos de guerra sem empréstimos externos e sem depreciar internamente a sua moeda. O certo é que tomando em conta a situação depressiva em que o país se encontrava no início da guerra, a capacidade produtiva que se criou e as divisas que esta gerou, pode-se concluir que se criaram condições propícias para uma política de expansão econômica. Era uma situação histórica excepcional para países exportadores de matérias primas<sup>63</sup>. Portanto, vemos indícios da existência de uma indústria manufatureira incipiente, que ganhou impulso com a guerra. Mais adiante isto ajudará a compreender os motivos pelos quais os enclaves que se formaram após o conflito não acabaram conformando o Chile com a estrutura de um país tipo B, segundo a tipologia de Vânia Bambirra.

Em resumo, a guerra não teve apenas uma questão motivadora e estas incluíram fatores econômicos, geopolíticos e jurídicos, que afloraram rivalidades regionais de décadas anteriores. Pode-se dizer que o Chile saiu vitorioso porque apresentava uma estrutura política e econômica

---

<sup>60</sup> BONILLA. Op. Cit., 1979.

<sup>61</sup> ORTEGA, L. Los empresarios, la política y los orígenes de La Guerra Del Pacífico. **Contribuciones Programa FLACSO – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Santiago de Chile, n. 24, 78p, 1984. Disponível em [http://www.memoriachilena.cl/temas/documento\\_detalle.asp?id=MC0000309](http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0000309) Acesso em 30 out. 2013.

<sup>62</sup> CARIOLA e SUNKEL. Op. Cit., p. 42.

<sup>63</sup> Idem, p. 41.

melhor consolidada, o que lhe permitiu abastecer de maneira eficaz seu exército, a partir do estímulo às manufaturas. Além de canalizar os elementos da crise para o esforço de guerra, tais como utilizar a grande massa de desempregados para preencher vagas de trabalho recém abertas nessas manufaturas, também ajudou a encorpar o contingente de soldados para o exército. Apesar disso, não pode ser desconsiderado o respaldo da Inglaterra, cujos capitais estavam investidos na região<sup>64</sup>.

### **1.3 A classe dominante a partir do período pós-guerra**

É sabido que o efeito da Guerra do Pacífico teve um efeito contrário ao esperado, gerando um estímulo à indústria manufatureira. Se por um lado o esforço de guerra fomentou o desenvolvimento de manufaturas como a de vestuário, calçados, pólvora, produtos químicos e farmacêuticos, veículos, barris, mochilas, entre outros, em um campo dominando pela burguesia, por outro permitiu a instalação de uma economia de enclave ao entregar os campos de salitre a capitais estrangeiros, principalmente aos ingleses<sup>65</sup>.

Isto permitiu que o enclave, ao instalar-se no Chile, já contasse com um importante desenvolvimento social e econômico, o que o diferenciou dos enclaves do Caribe e da América Central. Temos então aqui um elemento para justificar uma diferenciação no processo de industrialização chileno: há elementos estruturais pré-enclave que não se verificam nos países que estão classificados como tipo B. Isto demonstra a singularidade do enclave no Chile, pois nos demais países com economia semelhante, as estruturas sociais e produtivas, bem como a formação de um Estado forte, são criadas a partir do enclave e não anterior a este.

A partir da instalação da economia de enclave, já não será mais a produção de bens, a concorrência capitalista, o desenvolvimento das forças produtivas e o lucro proveniente destes os fatores que definirão a reprodução material, social e econômica dos proprietários de terras, banqueiros, comerciantes e donos de minas, mas sim a sua capacidade de apropriação da renda do

---

<sup>64</sup> Para Palma, o fato de haver ocorrido nacionalizações de empresas britânicas no Peru leva a exagerar o papel da Inglaterra na guerra, o que acaba desviando a atenção dos problemas políticos e econômicos internos do Chile naquele momento. Segundo o autor, isto pode ser comprovado pela afirmação do Secretário de Estado estadunidense, James G. Blaine: "*a Guerra do Pacífico foi uma guerra da Inglaterra contra o Peru, tendo o Chile como seu instrumento*" (COLLIER, 1993, p. 29, apud PALMA).

<sup>65</sup> OSÓRIO. Op. Cit., p. 46.

salitre ou do cobre, sem grandes exigências de interferência produtiva.

Esta situação determina que a relação das classes dominantes com a produção material e com a produção de mais valia perca parte considerável de sua importância, o que estimula a conformação de classes empresariais com “vocação parasitária e improdutivo”, traço que marcará a gestão econômica e social da burguesia chilena no século XX. A preocupação deixa de ser a produção e passa a ser a maneira como poderá se apropriar da renda controlada pelo Estado<sup>66</sup>.

Entre os fatores para que o empresariado chileno apresentasse tais características está o fato de a exploração do salitre não requerer maiores investimentos ou nem avanços tecnológicos, além dos que já estavam sendo aplicados naquele momento. A indústria salitreira apresentava por volta da Primeira Guerra Mundial, em 1914, a mesma tecnologia utilizada em 1880. Implementar melhorias traria poucos benefícios para a produção, ao que acrescenta Palma:

“É incontestável que a combinação da falta de concorrentes [ao salitre] antes da Primeira Guerra Mundial com o fato do Chile possuir as únicas reservas naturais exploráveis de nitrato de sódio do mundo, foi um poderoso desestimulante ao desenvolvimento tecnológico, ao aumento da produtividade e ao investimento nessa atividade.”<sup>67</sup>

Outro fator que podemos associar como contrário ao incentivo produtivo é a queda na demanda do salitre entre 1890 e 1897. Apesar de haver detido a queda no preço do mineral, a diminuição da produção não teria porque receber estímulos tecnológicos<sup>68</sup>.

Nestas condições o desenvolvimento capitalista assumiu um caráter de estagnação formando-se um desequilíbrio entre a base material da sociedade, que se enfraquece, e a expansão que sofrem as estruturas social e política. Esta contradição, a de uma estrutura de produção subdesenvolvida e a de uma estrutura sociopolítica desenvolvida, é seguida da falta de uma vocação poupadora e de escassos investimentos internos, pois ao drenar um enorme volume de recursos ao exterior, o enclave atenta contra as condições de acumulação ao diminuir a quantidade de capital disponível internamente. Ao diminuir os gastos com a produção, a burguesia chilena pode destinar grandes quantidades de sua renda a gastos improdutivos (pessoais, de consumo, etc), diversificando e sofisticando seu consumo através de produtos que

---

<sup>66</sup> OSÓRIO. Op. Cit., p. 48.

<sup>67</sup> PALMA. Op. Cit., p. 310 – 311.

<sup>68</sup> Idem, p. 311.



somente podem ser importados, não representando nenhuma relação com o esforço produtivo<sup>69</sup>.

No caso da economia de enclave do salitre, por constituir matéria prima de uso industrial ou agrícola, ela está diretamente relacionada ao ciclo do capital no mercado internacional, ou seja, está sujeita às oscilações desse mercado. O mesmo não ocorre em países que se vinculam ao mercado mundial através de valores de uso que são os bens saláris, principalmente quando estes são parte da dieta básica de consumo da população dos países ditos centrais, como é o caso da Argentina com sua produção de carne e trigo. Nestes casos, quando ocorre uma diminuição da demanda pelos seus produtos, estas quedas nunca alcançam a mesma dimensão das que ocorrem com as matérias primas de uso industrial ou agrícola, como no caso do Chile. Daí percebe-se como as crises mundiais afetam diferentemente cada país<sup>70</sup>.

Por outro lado, ao analisarmos os valores de uso para exportação e sua relação com o resto da economia interna, constataremos que tanto a produção de salitre quanto a de cobre requerem o uso de equipamento e maquinário específico que o setor industrial nacional não pode oferecer. Estes também são objetos de importação de países desenvolvidos. Desta forma, o ciclo do capital de produtos de exportação e o ciclo do capital industrial tem um ponto em comum: o enclave não estimula a produção manufatureira interna.

Para Osorio,

“É o enclave que irá definir o desenvolvimento capitalista do Chile para as próximas décadas, pois ele se apodera de uma estrutura social e forças produtivas pré-existentes formadas no período anterior, quando os principais centros de produção estavam nas mãos de capitais nacionais.”

A partir da instalação da economia de enclave, já não será mais a produção de bens, a concorrência capitalista, o desenvolvimento das forças produtivas e o lucro proveniente destes os fatores que definirão a reprodução material, social e econômica dos proprietários de terras, banqueiros, comerciantes e donos de minas, mas sim a sua capacidade de apropriação da renda do salitre ou do cobre, sem grandes exigências de interferência produtiva.

Osorio destaca ainda outro aspecto territorial, quando o produto, no caso deste estudo, o salitre, encontra-se em zonas afastadas dos centros urbanos:

---

<sup>69</sup> OSORIO. Op. Cit., p. 48 – 49.

<sup>70</sup> OSORIO. Op. Cit., p. 50.

“Em diversos casos (...) desenvolve-se a infraestrutura para concentrar mão de obra abundante, criando-se verdadeiros povoados mineiros, que têm como correlato a proletarização de setores campestres ou semicampestres ao serem afetados de sua relação com a terra como forma de subsistência e passarem a depender do salário.”<sup>71</sup>

Esta situação pode ser verificada em vários centros de extração de salitre no norte chileno como as salitreiras de Humberstone, Santa Laura, Chacabuco, entre outras. Estas foram sendo abandonadas na medida em que o ciclo do salitre declinava, tornando-se verdadeiras “cidades-fantasma”<sup>72</sup>.

O salitre cresceu numa média anual de 15 % na década de 1880, caiu a apenas 4% na de 1890 para recuperar seu dinamismo em entre 1899 e 1913 a uma taxa média anual de 10%. Desta forma, o valor de exportação dos nitratos chegou a ser 13 vezes maior que em 1880. Em 1919, o valor exportado foi apenas um sétimo do valor de 1913, para então recuperar-se na década de 1920. Mesmo assim, o valor das exportações do salitre em 1929 representava 75% do que havia sido em 1913. Por fim, com a recessão e o uso de substitutos do salitre as exportações desceram até um sétimo do que havia sido em 1913 para então não recuperar-se mais<sup>73</sup>.

Do ponto de vista da demanda interna agregada às exportações, esta não dependia tanto da quantidade, mas sim do rendimento das exportações e do destino que era dado a este internamente, ou seja, o seu gasto.

#### **1.4 O ciclo do salitre**

Como fora destacado inicialmente, a atividade salitreira constituiu-se num dos pilares fundamentais do segundo grande auge da economia chilena, que compreende o período da Guerra do Pacífico, em 1879, e vai até a Grande Depressão, em 1929. A vigorosa expansão da economia no primeiro ciclo, provocada pela demanda de nitratos que vinha da Europa, havia levado empresários nacionais a expandir seu território em várias direções. A penetração no deserto na

---

<sup>71</sup> OSORIO. Op. Cit., p. 74.

<sup>72</sup> Algumas destas cidades foram tombadas como Patrimônio Mundial pela Unesco e estão disponíveis para visita através de agências de turismo. É o caso das salitreiras de Humberstone e Santa Laura. Disponível em <http://whc.unesco.org/en/list/1178> Acesso em 30 out. 2013.

<sup>73</sup> PALMA. Op. Cit., p. 317.

região conhecida como Norte Grande<sup>74</sup> havia iniciado em 1846, quando se começou a explorar o guano em Mejillones e, em meados da década de 1860, iniciou-se a exploração do salitre em Antofagasta.

Estas atividades trouxeram à província boliviana de Antofagasta grandes investimentos e um aumento considerável da população, de modo que, a fins de 1870, a região estava povoada em sua maioria por chilenos e havia desenvolvido uma importante atividade econômica. A iniciativa chilena também se havia estendido à província peruana de Tarapacá, porém em menor grau, pois se viu limitada pelas políticas do governo peruano que, através do estancamento (1873), da expropriação (1875) e dos aumentos de tributos, procurava ressarcir-se da decadência do guano como fonte de exportação e recursos fiscais. Portanto, *“a guerra significou não apenas a aquisição de um vasto território com diversificada riqueza mineral e pesqueira, mas também a apropriação de uma indústria salitreira florescente na fase de expansão de seus mercados”*<sup>75</sup>. Apesar da incorporação desses novos territórios, o aumento nas exportações do salitre após 1880 não encontra sua principal justificativa nesse fato, mas sim no aumento da demanda mundial pelo produto<sup>76</sup> (ver quadro A, p. 58), uma vez que as empresas e a população instaladas nas regiões conquistadas, principalmente na de Antofagasta, já eram chilenas. O retorno econômico mais expressivo, embora pequeno se comparado à importância econômica da soma de ambas as regiões, veio das apropriações do território peruano de Tarapacá, haja vista a redução nos investimentos feitos na região após as medidas protecionistas citadas anteriormente em 1873 e 1875. Em outras palavras, houve a anexação de um vasto território contendo grandes reservas de salitre, porém, na prática, grande parte delas já se encontrava nas mãos de empresários chilenos havia alguns anos.

A ampliação de investimentos fiscais, consequência da apropriação das fábricas de salitre, permitiu ao Chile recuperar-se da crise econômica pela qual vinha passando. As exportações de nitrato cresceram rapidamente após a guerra devido ao aumento da demanda pelo mercado europeu e foram responsáveis por mais de dois terços das exportações entre 1880 e 1913

---

<sup>74</sup> O “Norte Grande” compreende a região que vai do paralelo 27° até aproximadamente o 18°, em Arica, próximo à fronteira com o Peru (ver figura 2, p. 54).

<sup>75</sup> CARIOLA e SUNKEL. Op. Cit., p. 42.

<sup>76</sup> Apesar da maioria dos investimentos estarem nas mãos de empresários britânicos, foram os alemães os maiores exportadores de salitre chileno. Isto explica o porque da descoberta do seu substituto sintético pela própria Alemanha, no início do século XIX, teve um impacto tão negativo nas exportações chilenas.

e entre 10% e 15% do produto interno bruto do país<sup>77</sup> (ver quadro B, p. 60). O governo impôs taxas de importação que permaneceram inalteradas até 1930. Esta política garantiu aproximadamente a metade do total de receitas do governo<sup>78</sup> e permitiu pôr em prática uma série de medidas destinadas a incentivar a produção interna e a capacitação da população. Estas reformas incluíam também o financiamento de um grande montante de obras públicas que durou até pouco depois da Primeira Guerra Mundial<sup>79</sup>.

Essas aspirações e a política do Estado após a Guerra do Pacífico foram de encontro à realidade econômica e política do país no pós-guerra. Já em 1880, com a apropriação de indústrias salitreiras da região peruana de Tarapacá, o governo teve de se decidir sobre a propriedade das fábricas, bem como a sua forma de operação. Em 1875, o governo peruano havia constituído um monopólio estatal, adquirindo setenta e cinco fábricas modernas e numerosos terrenos, os quais foram pagos com certificados salitreiros ao portador e bônus com garantias hipotecárias da respectiva fábrica<sup>80</sup>. O Chile tinha então que decidir se iria administrar o monopólio ou, caso contrário, o que fazer a respeito das fábricas, bônus e certificados.

A primeira Comissão do Salitre, que elaborou os antecedentes da lei promulgada no dia 1º de outubro de 1880, manifestou-se contrária ao monopólio estatal. Por essa lei, as fábricas deveriam ser devolvidas aos seus donos, o que desencadearia uma colossal especulação sobre os títulos e os bônus. Diante da iminente derrota peruana e da pouca esperança que os detentores desses papéis tinham em recuperar suas propriedades ou serem indenizados, os preços dos títulos caíram vertiginosamente. Diversos especuladores entraram em jogo e um, em particular, se converteria no “Rei do Salitre”. Este era o inglês John Thomas North que, convencido da vitória do Chile na guerra e que este respeitaria por completo os direitos de propriedade, havia adquirido numerosa quantidade de títulos ao portador<sup>81</sup>.

A convicção de North se confirmou. Em junho de 1881, uma segunda comissão do salitre estabeleceu a devolução das salitreiras de Tarapacá àqueles que depositaram uma determinada quantia em títulos e outra em dinheiro. Ficava assim consagrada “*uma das mais*

---

<sup>77</sup> SICOTTE, R.; VIZARRA, C.; WANDSCHNEIDER, K. **The Chilean Nitrate Industry: External Shocks and Policy Responses, 1880 – 1935.** The University of Vermont. 2009, 23p. Disponível em <http://www.uvm.edu/~econ/documents/finalutrechtpaper.pdf> Acesso em 29 out. 2013.

<sup>78</sup> SICOTTE, et. al., 2009.

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> CARIOLA e SUNKEL. Op. Cit., p. 45.

<sup>81</sup> Idem, p. 46.

*extraordinárias operações contra o interesse nacional que se possa encontrar na história econômica do Chile*”<sup>82</sup>. Desta maneira, boa parte da indústria salitreira desenvolvida a partir da década de 1860, com a participação de mineiros e empresários chilenos e incorporada ao território nacional após a vitória na Guerra do Pacífico, passou às mãos de especuladores estrangeiros. Inclusive parte desta operação foi financiada com créditos do Banco de Valparaíso, ou seja, com recursos chilenos.

Este episódio revela as profundas mudanças que haviam sido produzidas no âmbito nacional e internacional. É contra esses interesses que as aspirações sociais e políticas do presidente José Manuel Balmaceda (1886 – 1891) irão se chocar. A nova correlação de forças político-econômicas e as correntes de opinião já não correspondiam ao espírito empreendedor que havia caracterizado a ação do Estado ao longo do século XIX.

Com a aquisição dos territórios de salitre do Peru e da Bolívia, o Chile se converteu no *único país do mundo com reservas de nitrato economicamente exploráveis*<sup>83</sup>. Antes do fim da guerra, em 1881, enquanto as tropas chilenas ocupavam Lima, as exportações do salitre já haviam alcançado um volume maior do qualquer um dos quatro produtos exportados antes do conflito, o que lhe permitia gozar de uma posição influente no mercado mundial, dada a sua condição monopólica<sup>84</sup>. Este caráter monoexportador traz consigo, conforme comentado anteriormente, riscos atrelados às oscilações do mercado onde está inserido.

Nestas condições podemos abordar as considerações de Vânia Bambirra acerca do caráter dependente das economias vinculadas às economias capitalistas centrais, onde *as características e modo de funcionamento estão intimamente ligados com a dinâmica que historicamente assume o capitalismo nos países centrais* e que é esta dinâmica que irá *estabelecer as bases materiais e direcionar o sentido para onde se orienta a industrialização*<sup>85</sup>.

Após a inserção na economia internacional através do salitre é possível distinguir, de acordo com Palma, claramente os momentos de auge e declínio do produto. Primeiro temos um auge inicial da demanda internacional depois da guerra, com uma resposta rápida de produção, seguida de uma grande queda do preço do salitre até o final da década de 1890, causando uma queda nas exportações. A seguir, uma recuperação no início do século XX para cair novamente

---

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> PALMA. Op. Cit., p. 305.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> BAMBIRRA. Op. Cit., p. 3.

após a Primeira Guerra Mundial, seguindo-se uma breve recuperação nos anos 1920 e uma queda final após a Grande Depressão de 1929 <sup>86</sup>.

Todos estes auges e quedas estão diretamente relacionados com fatores externos. A primeira redução de preços ao final dos anos 1890 deveu-se a uma crise internacional que teve início na década anterior, quando o preço do salitre caiu cerca de 44% em apenas quatro anos, entre 1884 e 1888. Segundo Palma, isto foi reflexo do término do *auge vitoriano* mencionado anteriormente (1873), cujo fim foi seguido de uma *queda generalizada de preços das matérias primas e produtos manufaturados na economia mundial até 1896 – 1897* <sup>87</sup>. Para alguns autores, esta queda de preços durante quatorze anos consecutivos foi o fenômeno econômico mais extraordinário do século XIX <sup>88</sup>.

A segunda queda talvez seja a mais difundida e, algumas vezes, acaba sendo simplificada. Ela ocorre após a Primeira Guerra Mundial e foi ocasionada tanto pelas consequências deixadas pelo conflito, quanto pela descoberta de substitutos naturais e sintéticos para o salitre. A Alemanha já havia conseguido sintetizar o salitre na primeira década do século XX, porém sua produção não chegou a ameaçar o monopólio das exportações chilenas devido ao seu elevado custo de fabricação <sup>89</sup>. A real ameaça ao salitre chileno foi a descoberta do sulfato de amônio na Europa. Desta forma, enquanto a produção do salitre cresceu 158% entre 1905 e 1913, a de sulfato de amônio aumentou em 212% (ver quadro C, p. 61).

A terceira queda, a partir da Grande Depressão de 1929, será definitiva e da qual o salitre não se recuperará mais.

Palma traz outras observações relevantes em relação ao processo de declínio do salitre no pós-guerra:

“Para a economia chilena 1919 foi um ano particularmente difícil. (...) as exportações caíram a quase um terço dos valores do ano anterior, com um efeito desastroso para o resto da economia, principalmente para o erário público. Esta queda se deu, sobretudo, devido às exportações do salitre, cujo preço caiu 17% e seu volume exportado [caiu] em mais de dois terços. Isto ocorreu porque os Estados Unidos e os países europeus acumularam grandes reservas de salitre durante a guerra e, em 1919, fizeram uso destas.” <sup>90</sup>

---

<sup>86</sup> PALMA. Op. Cit., p. 306.

<sup>87</sup> PALMA. Op. Cit., p. 306.

<sup>88</sup> SAUL, 1976, apud PALMA.

<sup>89</sup> SICOTTE, et. al., 2009.

<sup>90</sup> PALMA. Op. Cit., p. 306.

No mesmo ano de 1919, as exportações totais aos Estados Unidos representaram apenas um quinto do que em 1918, enquanto as efetuadas à Grã-Bretanha representaram 5% das enviadas no ano anterior<sup>91</sup>.

Portanto, restringir o declínio do salitre ao período correspondente à Primeira Guerra Mundial (ou logo após esta) e ainda justificá-lo exclusivamente (ou principalmente) através da descoberta de substitutos sintéticos é simplificar um intrincado processo econômico onde o mineral esteve inserido no decorrer de mais de cinquenta anos.

De qualquer forma, não tardou muito para que os alemães introduzissem uma série de melhorias e aperfeiçoassem a produção de salitre sintético, através do processo que ficou conhecido como “processo do arco elétrico” ou Birkeland-Eyde. Para estimular ainda mais a redução dos custos de produção, a energia elétrica, insumo importante no processo de fabricação, teve seu custo reduzido rapidamente<sup>92</sup>.

---

<sup>91</sup> PALMA. Op. Cit., p. 307.

<sup>92</sup> A Alemanha era a maior importadora do mineral chileno nas duas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial (ver quadro D, p. 62). Isto explica porque, a princípio, não se vê um nexó entre a descoberta do substituto sintético do salitre e a consequente queda nas exportações do nitrato, já que os capitais investidos no Chile eram em sua maioria ingleses. Não foi pelo fato de a descoberta haver transformado a Alemanha em um fornecedor mundial, pois esta se encontrava em guerra com a Inglaterra. Foi porque ela era uma das maiores importadoras do salitre chileno, junto com a França e Reino Unido, que também se encontravam em guerra.

## Capítulo 2 As reformas após a Guerra do Pacífico

Conforme fora observado no início deste estudo, o Chile alcançou uma precoce e notável estabilidade política a partir da quarta década do século XIX, durante a administração do ministro Diego Portales (1831 – 1841), o que lhe permitiu desenvolver uma economia também estável que durou de, aproximadamente, 1833 a 1870. O momento é um marco importante na formação das bases do Estado chileno<sup>93</sup>, uma vez que o país estava saindo de um breve período de “anarquia”<sup>94</sup> pós-independência (breve se comparado com outros países da América Latina) e estabelecendo o início de um momento de prosperidade nacional sob as rígidas diretrizes portalianas<sup>95</sup>. Tais medidas surgiram num contexto peculiar de conflitos internos entre dois grupos, os liberais e os conservadores.

Durante os anos que se seguiram ao processo de independência e a precoce estabilização política na década de 1830, os conservadores mantiveram-se no poder até a crise econômica da década de 1870. Este período foi marcado pela herança de instituições, tendências culturais e grupos sociais derivados do período colonial, pelo processo de reestruturação e consolidação do Estado e pela inserção da economia chilena no mercado internacional devido ao auge das exportações, especificamente prata, cobre e trigo<sup>96</sup>. Segundo Cariola e Sunkel, este período entrou em declínio devido a três fatores principais: 1º) a influência política das instituições

---

<sup>93</sup> De acordo com Cláudia Wasserman, “a formação do Estado Nacional na América Latina corresponde a dois processos indissociáveis: a internacionalização do modo de produção capitalista que conduz a institucionalização do poder burguês no mundo todo e, por outro, lado o processo de emancipação das colônias ibéricas.” WASSERMAN, C. A formação do Estado Nacional na América Latina: as emancipações políticas e o intrincado ordenamento dos novos países. In: WASSERMAN, C. (Org.) **História da América latina: cinco séculos**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 176. cap. 5.

<sup>94</sup> Segundo Wasserman: “...o termo [anarquia] remete às dificuldades em conseguir construir ordenamentos estáveis, mas, ao mesmo tempo, seleciona os casos empíricos entre os mais ou menos capazes nesta tarefa, dependendo (...) de quesitos absolutamente subjetivos, como determinismos étnicos, geográficos ou climáticos”. Cita como exemplo o *caudilhismo*, fenômeno circunscrito a determinadas regiões como Argentina, Venezuela e norte do México, e que algumas vezes foi extrapolado para os demais países latino-americanos. (Wasserman, 2010, p. 180)

<sup>95</sup> Dentre algumas dessas diretrizes referentes ao regime de Diego Portales, mencionado na introdução deste trabalho, estão: a possibilidade de reeleição, o veto a medidas parlamentares que o governo julgar inconvenientes, o comando das Forças Armadas, a nomeação de cargos judiciais importantes, entre outras.

<sup>96</sup> CARIOLA e SUNKEL. Op. Cit., p. 16.



remanescentes do período colonial foi cedendo lugar a novos grupos dominantes em ascensão; 2º) o assédio insistente e cada vez mais forte das ideias dos grupos liberais foi aparando as arestas do poderoso Estado Portaliano e 3º) os três principais produtos responsáveis pelo auge das exportações entra em declínio (o cobre só entrará de novo em ascensão a partir de 1910, com o emprego de novas tecnologias)<sup>97</sup>.

O período subsequente, como fora mencionado anteriormente, corresponde ao *segundo ciclo de expansão e crise*<sup>98</sup> ou *ciclo do salitre* e sua expansão de fato se dá a partir de 1879, com o início da Guerra do Pacífico. Como também já foi comentado, o conflito teve motivações diversas, algumas envolvendo questões mal resolvidas de anos anteriores, mas a principal delas foi, sem dúvida, a aguda crise econômica pela qual o Chile passava. A apropriação das jazidas de salitre era a alternativa imediata e que estava ao alcance dos empresários e do Estado chilenos para a salvação do país. Terminado o conflito, o Chile iniciaria uma nova fase de auge econômico, com incentivo à produção nacional e à educação, financiados com as receitas do salitre.

Após a guerra, o governo deu então sequência à uma política de expansão dos serviços públicos iniciada por Manuel Montt, mas que tinha decaído durante a década de 1870. Foi no governo de Balmaceda que a iniciativa estatal retomou seu crescimento<sup>99</sup>.

No campo institucional fundaram-se a *Sociedad Nacional de Minería*, em 1884, a *Sociedad de Fomento Fabril*, em 1883, e em 1887, o *Ministerio de Industria y Obras Públicas*, para incentivar de diversas formas uma política de promoção e fomento da produção nacional. Criou-se também a *Escuela de Minería de Copiapó* e renovou-se a *Escuela de Artes y Ofícios de Santiago*, com o propósito de desenvolver o ensino técnico. Com o mesmo objetivo promoveu-se a imigração de técnicos, artesãos e operários qualificados. Por outro lado, incentivos fiscais e aduaneiros foram fornecidos aos bens de produção destinados a instalar novas indústrias ou para melhorar as já existentes<sup>100</sup>.

Nesse mesmo período, uma participação mais ativa do Estado na economia ficou evidente com a criação do Banco Central (fenômeno que também ocorre em outros países latino-americanos), o *Servicio de Minas del Estado* (1925), a *Caja de Crédito Agrícola* (1926), a *Caja*

---

<sup>97</sup> CARIOLA E SUNKEL. Op. Cit., p. 16.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>100</sup> Idem.

de *Crédito Minero* (1927), a *Caja de Crédito Carbonífero* (1928) e o *Instituto de Crédito Industrial* (1928). A particularidade destas instituições é que elas não se limitavam a apenas financiar as atividades as quais eram pertinentes, mas também davam assistência técnica (trabalhos de prospecção e infraestrutura, além de fornecer maquinário e insumos) e adquiriam cada vez mais o controle de uma parte importante do comércio dos respectivos produtos<sup>101</sup>.

Durante o governo de Balmaceda o Chile aparentemente parecia haver retomado o seu ciclo de expansão. Seu programa de governo revelou-se decididamente liberal no aspecto político, mas apresentava interessantes ingredientes de nacionalismo e protecionismo no aspecto econômico. Mesmo não chegando a se constituir em um programa essencialmente nacionalista, este entrou em conflito com a realidade econômica, política e social do pós-guerra<sup>102</sup>. As intenções de Balmaceda eram evitar a entrega da totalidade dos territórios salitreiros aos monopólios estrangeiros, para dar ao Estado um instrumento de controle da indústria; obter o controle das ferrovias do salitre, vinculados com as ferrovias do centro do país, e investir o grande excedente dos recursos fiscais derivados do salitre em obras produtivas, com o intuito de formar uma riqueza nacional permanente para quando se esgotassem as jazidas de salitre.

Estes investimentos estão de acordo com algumas das proposições de Osorio observadas anteriormente: a necessidade de uma infraestrutura, com preferência para ferrovias e rodovias, e o uso extensivo e intensivo de territórios, para a agricultura e mineração, respectivamente. Além destes, o fato de ser um padrão com “*vocação exportadora*”, como destaca o autor, exige uma forte estrutura em portos com destaque para Valparaíso e Mejillones.

Isto pode ser comprovado também por Blakemore:

“O programa de Balmaceda para o desenvolvimento do Chile era simples em sua concepção: o produto dos direitos de exportação do salitre – até então a fonte principal da receita do governo – seria investido em obras públicas e na educação, de modo que quando essa fonte decaísse devido à redução das jazidas de salitre, o Chile haveria conquistado uma riqueza estável e possuiria outros bens produtivos para substituir o salitre.”<sup>103</sup>

A criação do *Ministerio de Industria y Obras Públicas*, mencionado acima, e o fato de haver-lhe direcionado um orçamento considerável explica essa política. O forte estímulo recebido

---

<sup>101</sup> PALMA. Op Cit., p. 323.

<sup>102</sup> CARIOLA e SUNKEL. Op. Cit., p. 44.

<sup>103</sup> BLAKEMORE, 1974, p. 86, apud PALMA.

pela educação pode ser comprovado pelo fato de que, quando assumiu em 1886, os ensinos primário e secundário (equivalentes ao fundamental e médio, respectivamente) contavam com 79 mil alunos. Em 1891, já contava com 150 mil<sup>104</sup>.

Portanto, vemos a formação de uma infraestrutura econômica nacional anterior à grande crise de 1929 e com uma política claramente direcionada à substituição das importações, com a criação e incentivo a setores industriais nacionais.

Outras medidas tomadas após a Guerra do Pacífico, de caráter nitidamente protecionista, fazem parte dessa reorientação radical na estrutura político-econômica do país. Os grandes latifundiários aliaram-se aos empresários manufatureiros em favor de medidas protecionistas das atividades produtivas nacionais, como a manutenção das altas tarifas sobre as importações, originando uma nova e poderosa força política no país. Palma relata o impacto da manutenção dessas tarifas:

“O estancamento relativo das exportações agrícolas depois da guerra [do Pacífico], em especial do trigo e da farinha, e o grande auge do mercado do salitre levaram o mercado interno a ser o foco central de operação dos agricultores. Por esta razão, qualquer tipo de limitação às importações competitivas os beneficiaria (...), especialmente em um período no qual vários países, incluindo a Argentina, aumentavam sua produtividade agrícola e quando o custo de transporte dessas importações e das de gado decrescia rapidamente.”<sup>105</sup>

Seguindo a mesma linha, em 1883, a *Sociedad Nacional de Agricultura* propôs ao parlamento que cobrasse impostos do gado argentino para proteger-se da concorrência. Esta iniciativa era uma resposta à expansão da malha ferroviária através dos Andes, o que permitiu uma importação de 74 mil cabeças de gado somente em 1883, representando 75% a mais que no ano anterior<sup>106</sup>.

Outras medidas protecionistas tiveram lugar na economia chilena ainda no final do século XIX. A mais drástica delas foi a lei de 1897, que determinou uma nova tarifação *ad valorem*<sup>107</sup> a uma grande variedade de produtos agrícolas e manufaturados e um imposto fixo para a importação de outros vinte e oito produtos, incluindo o gado. O impacto desta medida foi tão grande que, em apenas um ano, as importações reduziram quase 30% (a do gado *vacum*

---

<sup>104</sup> BLAKEMORE, 1974, p. 87, apud PALMA.

<sup>105</sup> PALMA. Op. Cit., p. 327 – 328.

<sup>106</sup> Idem, p. 328.

<sup>107</sup> Imposto *ad valorem*: imposto sobre o valor da mercadoria.

reduziu de 108 mil cabeças, em 1895, para 28 mil, em 1899)<sup>108</sup>.

## 2.1 Hipóteses sobre o destino das receitas das exportações

Segundo Palma, tem-se especulado muito sobre a tentativa de calcular qual o montante perdido pela exportação do salitre no processo de repatriação dos valores pelas companhias que controlavam os nitratos e, posteriormente, o cobre. Existe um consenso que, no que diz respeito ao salitre, o valor bruto de produção se dividia em 3 partes: custos de produção, imposto sobre as exportações e lucro dos empresários envolvidos<sup>109</sup>. Como já fora tratado anteriormente, a maioria desses empresários era estrangeiro, portanto, uma grande quantidade dos excedentes das exportações saía do Chile. Outra questão importante que deve ser considerada é que, dentro dos custos de produção estão compreendidos os gastos com o transporte ferroviário e com o abastecimento de água para as mineradoras (tanto para consumo humano, quanto para o processo de lixiviação dos nitratos<sup>110</sup>). Estas duas atividades estavam majoritariamente sob controle de empresários britânicos, o que constituía um item adicional de remessa de divisas ao exterior. Segundo, Mamalakis:

“Esta enorme perda de excedentes do setor exportador – estimada em quase 7% do PIB – constituía, sem dúvida, uma grande redução no volume potencial de demanda agregada que o setor exportador poderia reverter para os demais setores da economia nacional. Tem-se especulado o que teria ocorrido (...) se estes excedentes tivessem sido investidos na economia do país (...) ‘e de haverem sido usados tais recursos em investimentos internos, cujo coeficiente de investimento oscilava entre 15 e 20% do PIB, poderiam haver aumentado a quantidade necessária mínima para o país obter uma transformação autossustentada’.”<sup>111</sup>

No entanto, isto são apenas conjecturas que, mesmo que legítimas, não correspondem ao contexto institucional no qual a economia do salitre operava. Em outras palavras, houvessem os capitais estado nas mãos de empresários chilenos não há nenhum indício concreto de que estes tivessem destinado os excedentes das exportações do salitre ao investimento interno, haja vista que o “império” construído pelo inglês John T. North foi financiado por capitais nacionais através

---

<sup>108</sup> PALMA. Op. Cit., p. 331.

<sup>109</sup> MAMALAKIS, 1976, e FERNÁNDEZ, 1978, apud PALMA.

<sup>110</sup> Lixiviação é o processo de extração de uma substância (neste caso, nitratos) presente em componentes sólidos (rochas) através da sua dissolução num líquido (água).

<sup>111</sup> MAMALAKIS, 1976, p. 56, apud PALMA.

do Banco de Valparaíso. Conforme foi mencionado anteriormente por Pinto e Osório, Palma também acrescenta que

“devido à baixa propensão histórica à poupança e ao investimento dos empresários chilenos, é pouco provável que o montante adicional de excedentes que houvesse permanecido no país se destinasse a investimentos (ao invés de consumo) [de importações].”<sup>112</sup>

Além disso, é pouco provável que diante desta situação hipotética, o governo houvesse imposto encargos elevados à exportação do salitre como o fez (e que chegou a representar a metade do excedente da indústria)<sup>113</sup>. Isto pode ser comprovado se levarmos em conta a situação anterior à Guerra do Pacífico, quando os capitais investidos estavam nas mãos de empresários chilenos:

“Desde 1840 (...) as exportações de minerais pagaram um máximo de 6% de impostos [no caso do cobre]. Na década de 1870 os impostos sobre importações equivaliam, em média, apenas 1,4% do valor das exportações e contribuía com apenas 3,3% de arrecadações públicas ditas brutas do país”.<sup>114</sup>

Por estas razões é difícil crer que o investimento privado crescesse em uma proporção semelhante ao excedente nacional que, porventura, tivesse permanecido no país, como também é pouco provável que o investimento público tivesse alcançado aos altos valores a que chegou.

No entanto, é difícil identificar o que veio primeiro: se a inércia dos setores privados em investir provocou uma participação mais efetiva do Estado na economia ou vice-versa. Para Osório, a ativa participação estatal na economia é “*fruto de uma retração dos setores privados*”<sup>115</sup>, pois o peso do investimento público no investimento bruto fixo é significativamente maior no Chile que nos demais países da região. O fato é que nas décadas de 1860 e 1870, portanto, anteriores à Guerra do Pacífico, o imposto sobre as exportações chegou ao máximo equivalente de 2,0% dos valores das exportações (1863) e a 10% da receita fiscal bruta (1866) e em 1900, estes valores chegaram a 30% e 50%, respectivamente<sup>116</sup>. Isto ocorreu porque “*o Estado chileno*

---

<sup>112</sup> PALMA. Op. Cit., p. 318.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> PALMA, 1978, cap. 1, apud PALMA.

<sup>115</sup> OSÓRIO. Op. Cit., p. 29.

<sup>116</sup> PALMA. Op. Cit., p. 324.

*apropriou-se de aproximadamente um terço do valor bruto da produção [de exportações em geral] através do imposto às exportações do salitre, o que era equivalente à metade dos excedentes gerados por esta atividade”*<sup>117</sup>.

Em valores, isto significa que antes da guerra estes valores nunca ultrapassaram as cem mil libras esterlinas. Já em 1890 este valor ultrapassou os dois milhões para alcançar cinco milhões e meio em 1910.

Outro fator que deve ser levado em conta é a dificuldade de comercialização internacional que os empresários chilenos houvessem encontrado ao tentar colocar seu produto no mercado mundial, situação que se verificava antes da guerra com o cobre e depois desta com o salitre. É provável que sem a intermediação, ou no caso do pós-guerra, sem a participação direta de capitais estrangeiros com relações influentes em dito mercado, as exportações de salitre não houvessem encontrado tantas portas abertas à sua comercialização.

Diante do que está sendo exposto, podemos encontrar três conclusões irrefutáveis. A primeira é de que não há indício de que a participação de empresários estrangeiros, como J. T. North, houvesse influenciado positivamente a indústria do salitre, além das facilidades em inserir o produto na circulação de mercadorias do comércio internacional. Aparentemente, a indústria não se beneficiou de tecnologia (como foi visto anteriormente, o processo não demandava muita), nem de entrada de capitais, nem de melhorias de infraestrutura (além das ferrovias, que também estavam nas mãos de estrangeiros) ou qualquer outro tipo de investimento que os empresários chilenos não fossem capazes de realizá-lo. A segunda, e que está relacionada com a primeira conclusão, é que não se deve considerar a remessa de valores feitas ao exterior por estes empresários estrangeiros como parte de pagamento por uma eventual contribuição destes à economia do país. E por último, qualquer que tenha sido o destino dado aos excedentes das exportações de salitre (desde que estas tivessem permanecido no país e mesmo que o seu consumo fosse feito por uma minoria dirigente, no caso a oligarquia), houvesse sido mais útil para a economia chilena que a sua perda ao exterior, como o fez North “*ao comprar títulos de nobreza e pianos para a Rainha Vitória*”<sup>118</sup>.

Também não se pode deixar de considerar a possibilidade de tudo haver permanecido quase igual, exceto pelo controle dos nitratos, dado o caráter “parasitário” dos empresários

---

<sup>117</sup> PALMA. Op. Cit., p. 324.

<sup>118</sup> Idem, p. 320.

chilenos a que Osório se refere e as tendências destes a poupar pouco e investir pouco na economia interna, além de orientar seus gastos a bens de consumo (não produtivos) que, em sua maioria, eram importados.

Como era de se esperar, a instabilidade do mercado internacional que afetava as exportações de tempos em tempos também teve um efeito adverso na capacidade do Chile em importar. Isto se tornou mais evidente a partir da Primeira Guerra Mundial quando tanto as exportações, quanto as importações caíram de uma maneira sem precedentes. A esta nova queda acrescentaram-se a crescente instabilidade externa, o desenvolvimento de substitutos ao salitre, uma progressiva transformação da ideologia econômica dominante no país, entre outras mudanças políticas e sociais que o país experimentava desde o início do século<sup>119</sup>. Tudo isto levou a que

“as transformações no papel do Estado e na política econômica, comuns à maioria dos países latino-americanos a partir da Grande Depressão, em 1929, foram introduzidas no Chile duas décadas antes. A ideia central na qual se basearam essas transformações econômicas foi compreender que as exportações são, antes de tudo, um modo indireto de produzir importações”.<sup>120</sup>

Desde a Primeira Guerra Mundial ficou cada vez mais evidente que era necessário produzir internamente uma parte cada vez maior dos produtos que eram importados e não mais fazê-lo de maneira indireta, através de imprescindíveis exportações. Mais ainda, *“isto traz consigo um benefício adicional de uma promoção do desenvolvimento manufatureiro, considerado por muitos como o eixo de um desenvolvimento econômico rápido e sustentável do país”*<sup>121</sup>.

É por esta razão que, em 1916, aumentaram-se consideravelmente as tarifas de importação e que, na década de 1920, foram seguidas por mais três revisões (1921, 1925 e 1928). Foi aprovada também uma nova constituição política e uma nova legislação trabalhista, aumentou-se o investimento em obras públicas e em financiamento de atividades produtivas, e realizaram-se também uma série de mudanças nos âmbitos político e econômico. A efetividade dessas mudanças demonstrou-se na recuperação temporária das exportações na década de 1920,

---

<sup>119</sup> PALMA. Op. Cit., p. 322.

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> Ibidem, p. 323.

as quais mantiveram as alterações citadas<sup>122</sup>. No entanto, o que mais surpreende na política fiscal chilena não é apenas o alto percentual de impostos sobre as exportações, mas o fato de que esta arrecadação não ocasionou uma redução nas taxas de importação.

Nestas condições seria de se esperar que houvesse uma grande pressão, seja por parte dos setores exportadores ou dos consumidores em geral, além de comerciantes que dependiam de insumos que vinham do exterior, para que estas tarifas sofressem alguma redução. Isto não ocorreu devido a uma combinação de fatores que tornam peculiar o processo econômico chileno.

Inicialmente é preciso lembrar que o “motor” do crescimento econômico era, sem dúvida, o setor exportador. Isto se deu pelo fato de que esta atividade era a única que não se encontrava restringida pelo tamanho reduzido do mercado interno, devido a que a indústria manufatureira nacional não era bem desenvolvida. Nessas condições, manter elevados (ou aumentar ainda mais) os impostos, tanto para as exportações quanto para as importações, significava continuar com um volume de receita alto, para o primeiro caso, e manter num patamar seguro o volume de entrada de produtos estrangeiros, para o segundo caso. Com estas medidas, o Chile conseguiu evitar um fenômeno conhecido como a “doença holandesa”<sup>123</sup>, aumentando a proporção da demanda orientada aos produtos nacionais e financiando um crescimento do gasto público.

## **2.2 A diversificação de atividades no ciclo do salitre, ferrovias e *maestranzas***

O processo produtivo de extração e exportação do salitre esteve relacionado diretamente a dois incentivos importantes: um deles foi a aquisição de insumos e maquinaria produzidos no país e o mais importante foi o investimento em uma extensa rede ferroviária e obras portuárias para facilitar o escoamento da produção<sup>124</sup>.

A formação de uma estrutura industrial incipiente obedece a uma certa periodização padrão na América Latina, embora ela seja diferente em cada um dos seus países pelas razões

---

<sup>122</sup> Idem.

<sup>123</sup> A “doença holandesa” (em espanhol, “síndrome holandês”) é um termo utilizado para designar o efeito que uma economia de caráter primário exportador tem quando esta sofre um rápido auge, provocando uma contração no seu setor manufatureiro. O nome é dado em função ao caso holandês da década de 1970, quando a descoberta de gás natural ocasionou tal retração em seu setor manufatureiro. Segundo, Palma, isto pode ser evitado aumentando o consumo interno, através de uma política fiscal ativa (PALMA. Op. Cit., p. 302).

<sup>124</sup> PALMA. Op. Cit., p. 313.



inerentes a cada um destes. Lewis identifica vários “subperíodos” de caráter continental nesse processo de formação. Segundo ele, é possível identificar ao menos três:

“Primeiro, as décadas imediatamente após as guerras de independência (...) e que é um período basicamente de ajustes da produção nacional. Segundo, a época clássica de expansão induzida pelas exportações, desde 1870 até a Primeira Guerra Mundial, que é um período associado com a modernização institucional, a criação de uma infraestrutura e a expansão da demanda que deu origem a um mercado de bens de consumo e bens de capital. Terceiro, o período compreendido entre a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão [de 1929], que se caracterizou pelas mudanças ocorridas tanto na escala de fabricação, como na composição da produção industrial.”<sup>125</sup>

No caso do Chile, esta terceira fase se deu no início do século, o que demonstra o caráter precoce de uma industrialização, enquanto que em outros países a segunda fase se daria apenas a partir da década de 1920. Assim mesmo, essa industrialização incipiente chilena ainda apresentava um modelo rudimentar, de manufaturas pequenas. Segundo Lewis, “*em 1914, os estabelecimentos que empregavam menos de cinco trabalhadores continuavam representando mais da metade das manufaturas produzidas no Chile*”<sup>126</sup>. Para o autor, o papel central da indústria na produção nacional somente se daria entre 1914 e 1936. No entanto, ainda não se chegou a uma resposta se essa industrialização foi um “*progresso inevitável da era dos nitratos*” ou um “*reflexo do frágil processo de industrialização das primeiras décadas do século*”<sup>127</sup>.

As mudanças na infraestrutura manufatureira que dariam início a esse processo de industrialização tiveram início na crise de 1873, que estimulou a produção interna. Sempre que o setor exportador comprometia a entrada de receitas, o governo lançava mão de uma política monetária expansionista e de um aumento nas tarifas aduaneiras para recuperar as suas finanças.

Esse processo de industrialização em sua fase embrionária sofreu uma interrupção durante a Guerra do Pacífico e somente seria retomado na política de investimentos públicos, do presidente José Manuel Balmaceda, dando sequência ao processo iniciado no governo anterior, de Manuel Montt.

A agricultura recebeu um grande estímulo da indústria do salitre, pois esteve relacionada com uma política do governo de abastecer a região ao norte através da produção nacional e não

---

<sup>125</sup> LEWIS. Op Cit., p. 233 – 234.

<sup>126</sup> PALMA, 1985, apud LEWIS.

<sup>127</sup> LEWIS. Op. Cit., p. 242.

com importações<sup>128</sup>. Incorporaram-se novos cultivos, canais de irrigação foram construídos, e, acima de tudo, aumentou a colonização e exploração econômica na região da Araucanía (centro-sul do Chile). Nessa região desenvolvia-se o cultivo de trigo, instalavam-se moinhos, serrarias, bancos, etc. Tudo na medida em que as ferrovias iam estendendo-se na direção sul. Esse período é crucial na formação da estrutura agrária nacional, posto que essa extensa região era habitada pelos índios mapuches e foi colonizada por chilenos e imigrantes. Enquadram-se no mesmo caso as regiões de Punta Arenas e do Estreito de Magalhães, no extremo sul do Chile, consolidando-se esta última como uma valiosa área de criação de gado.

Em 1884 foi criada a *Empresa de Ferrocarriles del Estado*, que unificou as ferrovias de Santiago a Valparaíso e as do sul do país. Durante a administração de Balmaceda foram ampliadas de modo significativo as ferrovias, as estradas, construíram-se pontes, iniciaram-se as instalações de linhas telefônicas e redes de iluminação pública, foram construídos hospitais e houve significativos investimentos em todos os níveis da educação<sup>129</sup>. Em apenas uma década, o gasto em investimentos públicos quadruplicou, enquanto que o investimento na educação aumentou oito vezes<sup>130</sup>.

No que tange às ferrovias do norte, pode-se ter uma dimensão mais aproximada se considerarmos que as jazidas estavam localizadas ao longo de uma planície com mais de 4 mil quilômetros quadrados de extensão, entre os paralelos 19° e 26°. Entre 1868 e 1875, uma empresa peruana construiu duas importantes linhas: a de Iquique e Pisagua. Após a guerra, devido à rápida expansão do salitre, criaram-se várias empresas ferroviárias, a maioria de propriedade britânica<sup>131</sup>. Estas quase triplicaram a quilometragem das linhas em quinze anos, passando de 650 km em 1875 para 1.640 km, em 1890. A partir de então a rede privada de ferrovias não se restringia às regiões salitreiras do norte, ela incluía também as minas de carvão ao sul e, em 1920, sua extensão chegava a 3.600 km<sup>132</sup>.

Três características merecem destaque sobre a malha ferroviária. Em primeiro lugar, os empresários britânicos tiveram condições de exercer um monopólio sobre as ferrovias. Devido à quantidade e à importância da carga transportada, fixavam valores conforme seus interesses para

---

<sup>128</sup> PALMA. Op. Cit., p. 313.

<sup>129</sup> PALMA. Op. Cit., p. 313.

<sup>130</sup> Idem, p. 327.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 314.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 314 – 315.

o transporte de mercadorias essenciais ao abastecimento das regiões do salitre (alimentos, ferramentas, maquinário, combustíveis e trabalhadores). Aos produtores, também britânicos, não houve alternativa senão arcar com esses custos. Estes, junto com o governo chileno, exigiam fretes mais baratos a fim de reduzir os custos e poder aumentar suas vendas através de preços mais competitivos. Os empresários do ramo ferroviário também visavam ao lucro. Portanto, produtores, empresários e o governo chileno tinham o mesmo objetivo. Este choque de interesses daria origem a conflitos que, dentro de um contexto histórico, tiveram importante significado no período de declínio do salitre<sup>133</sup>. Em segundo lugar, as companhias ferroviárias “dividiram” as indústrias salitreiras em áreas geográficas perfeitamente delimitadas, “*eliminando desta forma a concorrência entre si*”<sup>134</sup> (ver figuras 3 e 4, p. 55 e 56, respectivamente). Por último, e como consequência da situação anterior, criou-se uma “dependência mútua”, onde companhias ferroviárias e indústrias salitreiras dependiam umas das outras para a sua manutenção.

Apesar das restrições apresentadas, é inegável a importância da criação de uma extensa rede ferroviária para o transporte de mercadorias, escoamento da produção e transporte de trabalhadores.

A construção de ferrovias (e também portos) está associada à integração da América Latina ao mercado mundial e adquiriu força a partir da década de 1870. A modernização da infraestrutura, especialmente a dos transportes, foi uma consequência dos “rigores da concorrência estrangeira”<sup>135</sup>.

Além do desenvolvimento econômico, as ferrovias foram responsáveis pelo surgimento de outro tipo de indústria pesada, as *maestranzas*: oficinas mecânicas para reparos e também de instalações para manutenção e produção de peças de reposição para locomotivas e vagões<sup>136</sup>. No que diz respeito ao Chile, estudos<sup>137</sup> demonstram que, diferentemente da metrópole, as *maestranzas* foram responsáveis também pela produção de vagões e locomotivas, bem como caldeiras, tanques (para armazenamento e transporte de líquidos, como água e combustível) e

---

<sup>133</sup> SOTO C., A. **Influencia Británica en el Salitre – origen, naturaleza y decadencia**. 1 ed. Santiago: Editorial Universidad de Santiago, 1998. p. 122.

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> LEWIS. Op. Cit., p. 238.

<sup>136</sup> GUAJARDO S., G. **La maestranza ferroviaria y los orígenes de la industria metalmeccánica em América Latina: “métodos inferiores”, tecnología y producción em México y Chile, ca. 1850 – 1890**. México, 2006, 26p. Disponível em <http://www.docutren.com/archivos/malaga/pdf/V112.pdf>. Acesso em 01 nov. 2013.

<sup>137</sup> Estudos dos últimos vinte anos, segundo Guajardo.

peças de reposição. O início dessa produção se deu na década de 1850 e, em 1880, foi assumida por empresas especializadas de imigrantes<sup>138</sup> que mudaram o perfil da metalurgia chilena para, na década de 1920, consolidar-se um setor de fornecedores locais. Isto se deu anteriormente a outros países da América Latina, como o México, por exemplo, onde a produção se deu a partir da década de 1890.

As *maestranzas* localizavam-se em pontos de grande concentração populacional e em centros para onde convergia o tráfego das ferrovias, tais como Santiago e Valparaíso. A mais importantes delas, a *maestranza* da estação *Barón*, em Valparaíso, pertencente à companhia *Ferrocarriles Santiago Valparaíso* (FCSV), concentrava, em 1875, cerca de 50% dos salários de toda a empresa<sup>139</sup>. Se, por um lado, essas indústrias não tinham um caráter de produção de grande volume e tampouco de produção em série<sup>140</sup>, devido à sua localização e à massa laboral que abrangia, estas oficinas demandavam um grande volume de alimentos, têxteis, utensílios domésticos, entre outros, para o abastecimento dessa população. Paralelo a essa indústria, havia também o setor responsável pela produção de óleos lubrificantes industriais e maquinário para as minas. Todas estas já estabelecidas no início do século XX<sup>141</sup>.

Durante a Guerra do Pacífico as atividades das oficinas foram utilizadas na manutenção dos equipamentos dispensados para o esforço de guerra, tais como reparo de barcos, caldeiras e outros equipamentos associados. Em resumo, as *maestranzas* ferroviárias combinaram produção, serviços de manutenção, reposição de peças e montagem de equipamentos importados. Elas representaram as primeiras produções e impactos industriais das ferrovias no Chile. Devido ao seu caráter flexível conseguiam atender às diversas demandas além das mencionadas acima, como fabricação de vagões e locomotivas e apoio à indústria bélica, exercendo grande influência na indústria metalúrgica chilena.

Em sua obra sobre bases de industrialização regionais na América Latina<sup>142</sup>, Guajardo

---

<sup>138</sup> Tanto Guajardo quanto Lewis fazem referência à importância da influência de imigrantes europeus não apenas na especialização de indústrias já existentes, mas também no aumento da produção através da instalação de novos estabelecimentos nos mais diversos setores.

<sup>139</sup> GUAJARDO. Op. Cit., 2006.

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> LEWIS. Op. Cit., p. 242.

<sup>142</sup> GUAJARDO, G. Regiones, eslabonamientos y producción industrial: algunas lecciones comparativas de México y Chile con respecto a las bases regionales de la industrialización latinoamericana em los siglos XIX y XX. In: Primeiras Jornadas de História Regional Comparada – Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000. **Anais...** Porto Alegre: FEE, 2000. Disponível em

propõe que a produção ferroviária (vagões e locomotivas, caldeiras, peças de reposição, etc) formou importantes polos industriais os quais provocaram o desenvolvimento de uma produção com vínculos “*para trás*”, conforme definição de Palma<sup>143</sup>. Em outras palavras, as *maestranzas* estimulavam a economia nacional no estágio prévio de sua produção como obras de infraestrutura, a demanda de alimentos para os trabalhadores e a produção de insumos e maquinaria para as operações das companhias ferroviárias. Isto se dava pela porque estas contavam com uma “*grande intensidade tecnológica e capacidades industriais desenvolvidas*”<sup>144</sup>, as quais acabavam sendo transferidas para o meio rural, provocando um desenvolvimento no setor agrícola mais do que no setor mineiro<sup>145</sup>.

Portanto, Guajardo defende que o desenvolvimento deste setor metalúrgico não se deu tanto pelo investimento direto dos capitais estrangeiros nas exportações de minerais, como assinalam Cariola e Sunkel<sup>146</sup>, mas sim pelo desenvolvimento agrário. O Chile contou com uma precoce indústria de equipamentos ferroviários desde meados do século XIX, cujo mercado foi o de obras públicas e ferrovias na região central e sul do país, o que permitiu a consolidação de um mercado integrado, unindo as zonas produtoras agrícolas a essas regiões e também ao norte<sup>147</sup>.

Entre 1885 e 1919, 99% dos vagões fabricados no Chile foram produzidos nas regiões do centro e do sul (entre Valparaíso e Puerto Montt), as quais foram caracterizadas pela agricultura e colonização, portanto, no extremo oposto do norte minerador<sup>148</sup>.

---

<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/1/s8a2.pdf> . Acesso em 01 nov. 2013.

<sup>143</sup> PALMA. Op. Cit., p. 304 – 305.

<sup>144</sup> GUAJARDO, Op. Cit., 2000.

<sup>145</sup> Idem.

<sup>146</sup> CARIOLA e SUNKEL. Op. Cit.

<sup>147</sup> GUAJARDO, Op. Cit., 2000.

<sup>148</sup> Idem.

### 3. Conclusão

Desde o início de sua formação como Estado Nacional, o Chile apresentou aspectos peculiares se comparados com outros países da América Latina. O seu característico isolamento geográfico trouxe consigo outro tipo de isolamento durante o domínio colonial espanhol, o político, o que fez com que a elite dominante colonial, chamada de aristocracia *criolla*<sup>149</sup>, buscasse, após o período de independência, meios para estabelecer sua hegemonia regional. A subordinação ao Vice-reinado do Peru e, posteriormente, ao Vice-reinado do Prata mantiveram durante anos o Chile como um mero centro de abastecimento para as minas de Potosí, no Alto Peru (hoje Bolívia)<sup>150</sup>. Com o intuito separar-se do poder central, essa elite provocou um distanciamento com a metrópole, Espanha, e uma consequente aproximação com a Inglaterra, o que acabou introduzindo ideais liberais no seio da sociedade chilena, culminando com a independência do país em 1810.

A rápida estabilidade política (entenda-se, sem grandes disputas internas ou regionais) que se seguiu no início da década de 1830, após o processo de emancipação, é outra peculiaridade que merece destaque. Com uma participação ativa do Estado, essa estabilidade rendeu ao Chile uma prosperidade econômica através da inserção de produtos no mercado internacional, que se encontrava no auge. Isto configuraria a economia chilena como uma das economias que conseguiu uma integração mais rápida e profunda ao mercado mundial após os processos de independência<sup>151</sup>.

Porém, apesar desse tipo de integração haver trazido benefícios, trouxe também riscos. Uma economia periférica vinculada a uma economia central através de produtos específicos, sem opções para contrabalançar possíveis crises ou quedas nos preços destes, está constantemente vulnerável às oscilações desse mercado. A prosperidade obtida pelo mercado chileno sofreria bruscas variações durante as décadas seguintes. Este caráter “errático”, como apontou Osorio<sup>152</sup>, é outra das marcas da história econômica do Chile. Este auge iniciado na década de 1830 declinaria ao final de 1860, para agravar-se com a crise de 1873.

---

<sup>149</sup> O termo *criollo* designa os filhos de europeus nascidos no continente americano.

<sup>150</sup> GUAZZELLI, C. A crise do sistema colonial e o processo de independência. In: WASSERMAN, C. (Org.) **História da América latina: cinco séculos**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 152.

<sup>151</sup> JOBET, 1982, p. 55, apud OSORIO.

<sup>152</sup> OSORIO. Op. Cit., p. 25.

Durante esse contexto de crise que se estenderia até os anos 1880, o salitre surgiu como o produto que salvaria o país da crise e o colocaria como maior exportador do mineral em todo o mundo. A alternativa foi pela apropriação dos territórios peruanos e bolivianos que continham as maiores jazidas naturais de salitre do mundo. A partir desse momento o Chile conheceria um auge econômico sem precedentes, porém não através das receitas provenientes diretamente das exportações desse mineral, como era de se esperar, mas sim através dos impostos cobrados sobre essas exportações, já que os capitais investidos na exploração do salitre não eram mais de empresários chilenos. Estes haviam passado para o controle de empresários estrangeiros (majoritariamente ingleses) após a guerra.

O caráter meramente extrativista e sem requerer grandes investimentos tecnológicos, haja vista que as jazidas encontravam-se a céu aberto, ocasionaram uma retração no perfil empreendedor do empresariado chileno, o qual optou por uma mudança na obtenção de seus rendimentos. A partir do auge exportador do salitre esses empresários optaram mais por apropriar-se dos recursos produzidos pelo salitre do que investir na produção manufatureira nacional, ao que Osorio se referiu como uma “vocação parasitária”<sup>153</sup> dessa classe.

Duas considera es merecem destaque sobre esta questão: em primeiro lugar, mesmo diante da inércia do setor empresarial chileno, a Guerra do Pacífico estimulou o surgimento de manufaturas a fim de abastecer o esforço de guerra (sempre através da participa o ativa do Estado). Este incentivo se deu principalmente através do setor fabril (vestuário, calçados), transporte (ferroviário) e alimenta o (agricultura). Estes segmentos, além de servirem para absorver uma grande massa de mão de obra desempregada, que desde a crise da década de 1870 s  vinha aumentando, ainda serviu para o alistamento junto ao exército. Logo,   possível perceber neste momento as bases de um incipiente processo de industrializa o anterior ao século XX. Mesmo não recebendo significativos estímulos até a década de 1900, estas manufaturas são responsáveis por manter ativa a base produtiva que permitirá explicar, em parte, o porquê de, apesar de apresentar uma economia de enclave, o Chile conseguiu apresentar as bases para um processo de industrializa o anterior a 1930, ao contrário de países com enclave, tais como Equador, Peru, Bolívia, Cuba, entre outros.

Em segundo lugar, e de extrema importância para as considera es finais deste estudo, alguns autores, como   o caso de Cariola e Sunkel, tendem a exagerar a importância das

---

<sup>153</sup> OSORIO. Op. Cit., p. 48.

exportações de salitre na expansão do setor ferroviário e, conseqüentemente, o metalúrgico. Outros, como Guajardo, defendem que o desenvolvimento deste setor metal-mecânico não se deu tanto pelo investimento direto dos capitais estrangeiros nas exportações de minerais, mas sim pelo desenvolvimento agrário. O Chile contou com uma precoce indústria de equipamentos ferroviários desde meados do século XIX, cujo mercado foi o de obras públicas e ferrovias na região central e sul do país, o que permitiu a consolidação de um mercado integrado, unindo as zonas produtoras agrícolas a essas regiões e também às minas ao norte <sup>154</sup>. Portanto, apesar da necessidade de construir uma malha ferroviária para atender o escoamento da produção de salitre no norte do país, esta também se mostrava necessária na direção centro-sul a fim de abastecer todas as zonas produtivas do Chile <sup>155</sup>.

Isto está de acordo com o conceito proposto na introdução deste trabalho, o de *padrão de reprodução do capital*, formulado por Marini e desenvolvido por Osorio, que estipula que o padrão agromineiro exportador permite “*distinguir duas realidades vinculadas*”, uma das quais diz respeito ao “*uso intensivo do território para a produção*”. Este caso é o que se aplica aos enclaves mineiros, no caso deste estudo, à exploração do salitre. O conceito também menciona a necessidade de uma infraestrutura de transportes que ligue as áreas de produção às zonas de escoamento, como ferrovias e portos. O caso chileno também obedece a este critério.

Em resumo, o ciclo do salitre no contexto histórico chileno é de fundamental importância para as origens do processo de industrialização do país. Mesmo havendo proporcionado as condições para a instalação de uma economia de enclave, que foi favorecida por uma estrutura econômica e social pré-existente, o Chile conseguiu manter as bases de uma indústria manufatureira que, se não se desenvolveu como poderia havê-lo feito logo após a Guerra do Pacífico, obteve sucesso em se manter ativa, mesmo que de maneira tímida, e não desapareceu do mercado. A ativa participação do Estado foi determinante na manutenção da estabilidade econômica do país por intermédio de medidas protecionistas e investimentos em infraestrutura, principalmente quando os capitais investidos não eram mais nacionais. Através de

---

<sup>154</sup> GUAJARDO, Op. Cit., 2000.

<sup>155</sup> Os capitais britânicos também exerceram sua predominância no setor ferroviário. Fixavam valores conforme seus interesses para o transporte de mercadorias essenciais ao abastecimento das regiões do salitre (alimentos, ferramentas, maquinário, combustíveis e trabalhadores). As companhias ferroviárias “dividiram” as indústrias salitreiras em áreas geográficas perfeitamente delimitadas, “*eliminando desta forma a concorrência entre si*” (SOTO C., A. **Influencia Británica en el Salitre – origen, naturaleza y decadencia**. 1 ed. Santiago: Editorial Universidad de Santiago, 1998. p. 122.



um eficiente controle tarifário, permitiu que parte das receitas geradas pela exportação do salitre permanecesse no país através de impostos, ao mesmo tempo em que não abriu mão da redução das tarifas de importação, permitindo que a indústria nacional mantivesse um nível de concorrência com os produtos importados, o que garantiu sua sobrevivência e manteve as bases para um futuro e concreto processo de industrialização. Isto garantiu ao Chile as condições para que apresentasse as características da tipologia de Vânia Bambirra, como um país Tipo A, ou seja, com um processo de industrialização anterior a 1930.

#### 4. Fontes e referências bibliográficas

##### 4.1 Fontes:

History Channel. (2009). **Como a Terra se formou – episódio: o local mais seco do planeta**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8B-f-wa8gk> Acesso em 30 out. 2013.

UNESCO. <http://whc.unesco.org/en/list/1178>

Para imagens:

Wikipedia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ci-map.png>.

Luventicus. <http://www.luventicus.org/mapas/chile.html>.

Icarito. <http://static.icarito.cl/200912/619427.jpg>.

Scielo Chile. <http://www.scielo.cl/fbpe/img/eatacam/n40/art06-fig1.html>.

Universitat de València. <http://www.uv.es/ivorra/Historia/SXIX/1883.htm>.

##### Referências bibliográficas:

BALTRA, A. Desarrollo general de la economía. In: Geografía económica de Chile. Santiago: CORFO, 1967

BAMBIRRA, V. **El capitalismo dependiente latinoamericano**. 5. ed. México: Siglo XXI, 1978. 181p.

BONILLA, H. La dimensión internacional de la Guerra Del Pacífico. **Desarrollo Económico**, Buenos Aires, v.19, n.73 p. 79-92, abr./jun. 1979. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/3466496> . Acesso em 30 out. 2013.

CARDOSO, F. H., FALETTO, E. **Dependencia y desarrollo en América Latina (ensayo de interpretación sociológica)**. México: Siglo XXI, 1969.

CARIOLA S., C.; SUNKEL, O. **Um siglo de historia económica de Chile, 1830 -1930. Dos ensayos y una bibliografias**. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1982. 343p.

CARRIÓN A., I. M. Los antiguos pesos y medidas guipuzcoanos. **Vasconia**, Donostia, n.24, p. 59-79, 1996. Disponível em <http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/vasconia/vas24/24059079.pdf> . Acesso em 30 out. 2013.

FRANK, A. G. Desarrollo del subdesarrollo. **Monthly Review Selecciones em castellano**, Barcelona, n. 4, p. 145 – 157, 2005 (1966). Disponível em [http://www.cienciasocialcritica.com/media/0/126/mr410\\_g\\_frank.pdf](http://www.cienciasocialcritica.com/media/0/126/mr410_g_frank.pdf) . Acesso em 30 out. 2013.

GUAJARDO S., G. **La maestranza ferroviaria y los orígenes de la industria metalmecánica em América Latina: “métodos inferiores”, tecnología y producción em México y Chile, ca. 1850 – 1890.** México, 2006, 26p. Disponível em <http://www.docutren.com/archivos/malaga/pdf/VII2.pdf> . Acesso em 01 nov. 2013.

GUAJARDO S., G. Regiones, eslabonamientos y producción industrial: algunas lecciones comparativas de México y Chile con respecto a las bases regionales de la industrialización latinoamericana em los siglos XIX y XX. In: Primeiras Jornadas de História Regional Comparada – Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000. **Anais...** Porto Alegre: FEE, 2000. Disponível em <http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/jornadas/1/s8a2.pdf> . Acesso em 01 nov. 2013.

GUAZZELLI, C. A crise do sistema colonial e o processo de independência. In: WASSERMAN, C. (Org.) **História da América latina: cinco séculos.** 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 118 - 175. cap. 4.

HERNANDEZ C., R. **El Salitre – resumen histórico desde su descubrimiento y explotacion.** Valparaíso: Fischer Hermanos, 1930. 202p.

JOBET, J. C. **Ensayo crítico Del “desarrollo económico-social de Chile”.** Centro de Estudios del Movimiento Obrero Salvador Allende, Casa de Chile, México, 1982.

LAGOS E., R. **La industria em Chile: antecedentes estructurales.** Instituto de Economia, Universidad de Chile, 1966.

LEWIS, C. La industria de América Latina antes de 1930. In: BETHEL, L. **Historia de América Latina, vol. 7.** Barcelona: Editorial Crítica, 1991. p. 231 – 280. cap. 8.

MARIN V., S. **El salitre de Chile.** Santiago: Nascimento, 1931, 15p.

MORELL y TERRY, L. Equivalências métricas de la província de Granada. **Editorial Fajardo El Bravo.** Disponível em <http://www.editorialfajardoelbravo.es/articulos/arqueologia/Equimet.pdf> . Acesso em 30 out. 2013.

ORTEGA, L. Los empresarios, la política y los orígenes de La Guerra Del Pacífico. **Contribuciones Programa FLACSO – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales,** Santiago de Chile, n. 24, 78p, 1984. Disponível em [http://www.memoriachilena.cl/temas/documento\\_detalle.asp?id=MC0000309](http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0000309) . Acesso em 30 out. 2013.

OSÓRIO, J. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. In: FERREIRA, C.; OSÓRIO, J.; LUCE, M. (orgs). **Padrão de reprodução do capital – contribuições da Teoria Marxista da Dependência**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 37 – 86. cap. 2.

OSÓRIO, J. **Raíces de la democracia en Chile, 1850 – 1970. Reinterpretación del desarrollo económico y político**. 1. Ed. México: Ediciones Era, 1990. 220p.

PALMA, G. La economía chilena desde la Guerra del Pacífico a la Gran Depresión. In: CÁRDENAS, E. et al. **La era de las exportaciones latinoamericanas – de fines de siglo XIX a principios del XX**. México, Fondo de Cultura Económica, 2003. 480p.

PINTO S.C., A. **Chile, un caso de desarrollo frustrado**. Santiago, Editorial Universitária, S.A., 1959, p. 20. Colección América Nuestra.

SEO, J. H. Solving the mystery of the Atacama nitrate deposits: the use of stable oxygen isotope analysis and geochemistry. **The Journal of Purdue Undergraduate Research**, Indiana, v. 1, p. 38. Disponível em <http://docs.lib.purdue.edu/jpur/> . Acesso em 31 out. 2013.

SICOTTE, R.; VIZCARRA, C.; WANDSCHNEIDER, K. **The Chilean Nitrate Industry: External Shocks and Policy Responses, 1880 – 1935**. The University of Vermont. 2009, 23p. Disponível em <http://www.uvm.edu/~econ/documents/finalutrechtpaper.pdf> . Acesso em 29 out. 2013.

SOTO C., A. **Influencia Británica en el Salitre – origen, naturaleza y decadencia**. 1 ed. Santiago: Editorial Universidad de Santiago, 1998. 675p.

WASSERMAN, C. A formação do Estado Nacional na América Latina: as emancipações políticas e o intrincado ordenamento dos novos países. In: \_\_\_\_\_ (Org.) **História da América latina: cinco séculos**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 176 - 213. cap. 5.

## 5. Anexos



Figura 1. Mapa atual do Chile indicando suas principais cidades e os países com os quais faz fronteira.

Fonte: Wikipedia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ch-map.png>. Acesso em 17 nov. 2013.

Adaptado pelo autor.

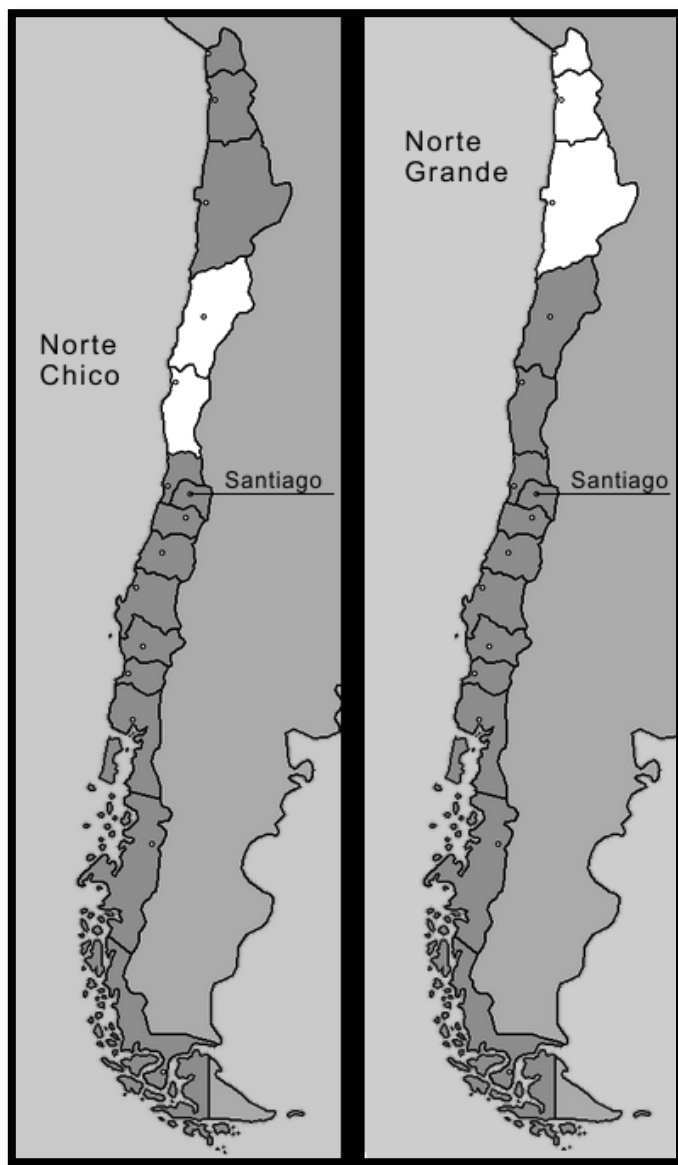


Figura 2. Mapa indicando o Norte Chico, com as regiões III e IV (Atacama e Coquimbo), e o Norte Grande, com as regiões I, II e XV (Tarapacá, Antofagasta e Arica y Parinacota, respectivamente). No destaque, a capital Santiago. O Chile é dividido em 15 regiões, cada uma com sua sede administrativa.

Fonte: *Luventicus Chile*. Disponível em <http://www.luventicus.org/mapas/chile.html>. Acesso em 17 nov. 2013.

Adaptado pelo autor.

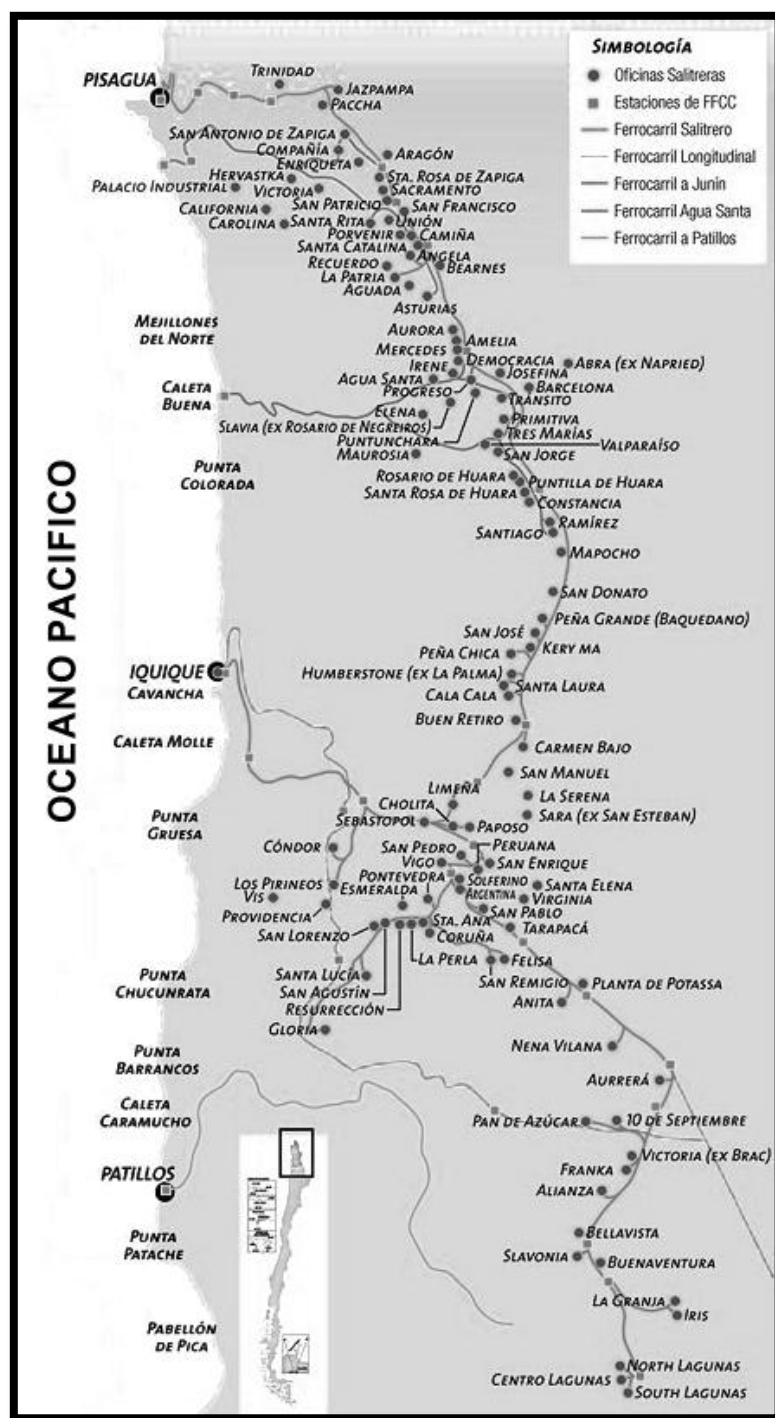


Figura 3. Mapa das oficinas salitreiras da região de Tarapacá. É possível perceber a delimitação das ferrovias mencionada na página 43, evitando desta forma a concorrência entre as companhias ferroviárias. Atentar também para as oficinas de Humberstone e Santa Laura no centro do mapa, mencionadas na página 26, que hoje são patrimônio da UNESCO.

Fonte: *Icarito*. Disponível em <http://static.icarito.cl/200912/619427.jpg>. Acesso em 17 nov. 2013.

Adaptado pelo autor.



Figura 4. Mapa das oficinas salitreiras da região de Antofagasta. Atentar para o aspecto de delimitação geográfica das ferrovias mencionado na figura anterior.

Fonte: *SciELO Chile*. Disponível em <http://www.scielo.cl/fbpe/img/eatacam/n40/art06-fig1.html>. Acesso em 17 nov. 2013.





Figura 5. Mapa parcial dos territórios de Bolívia, Chile e Peru anterior à Guerra do Pacífico (1879 -1883). Posteriormente ao conflito o norte chileno ficou delimitado próximo a Arica e assim permanece até hoje.

Fonte: *Universitat de València*. Disponível em <http://www.uv.es/ivorra/Historia/SXIX/1883.htm>. Acesso em 17 nov. 2013.

Adaptado pelo autor.

## QUADRO A

<b>PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SALITRE NO CHILE</b>			
<b>Ano</b>	<b>Trabalhadores em atividade (milhares)</b>	<b>Produção (milhares de toneladas)</b>	<b>Exportação (milhares de toneladas)</b>
<b>1875</b>	-	-	331
<b>1876</b>	-	-	324
<b>1877</b>	-	-	230
<b>1878</b>	-	-	323
<b>1879</b>	-	-	145
<b>1880</b>	2,8	224	224
<b>1881</b>	4,9	356	360
<b>1882</b>	7,1	492	492
<b>1883</b>	7	590	590
<b>1884</b>	5,5	559	559
<b>1885</b>	4,6	436	436
<b>1886</b>	4,5	451	451
<b>1887</b>	7,2	713	704
<b>1888</b>	9,2	767	767
<b>1889</b>	11,4	951	948
<b>1890</b>	13	1.075	1.063
<b>1891</b>	11,7	862	789
<b>1892</b>	13,5	804	805
<b>1893</b>	14,8	969	948
<b>1894</b>	18,1	1.094	1.098
<b>1895</b>	22,5	1.308	1.238
<b>1896</b>	19,3	1.139	1.107
<b>1897</b>	16,7	1.187	1.078
<b>1898</b>	16	1.314	1.294
<b>1899</b>	18,9	1.440	1.398
<b>1900</b>	19,7	1.508	1.454
<b>1901</b>	20,3	1.329	1.260
<b>1902</b>	24,5	1.349	1.384
<b>1903</b>	24,4	1.485	1.450
<b>1904</b>	-	1.559	1.500
<b>1905</b>	30,6	1.755	1.650

QUADRO A (continuação)

<b>PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SALITRE NO CHILE</b>			
<b>Ano</b>	<b>Trabalhadores em atividade (milhares)</b>	<b>Produção (milhares de toneladas)</b>	<b>Exportação (milhares de toneladas)</b>
<b>1906</b>	-	1.822	1.727
<b>1907</b>	39,7	1.846	1.656
<b>1908</b>	40,8	1.971	2.051
<b>1909</b>	37,8	2.111	2.135
<b>1910</b>	43,5	2.465	2.336
<b>1911</b>	43,9	2.521	2.450
<b>1912</b>	47,8	2.586	2.493
<b>1913</b>	53,2	2.772	2.738
<b>1914</b>	44	2.463	1.847
<b>1915</b>	45,5	1.755	2.023
<b>1916</b>	53,5	2.913	2.988
<b>1917</b>	56,4	3.001	2.776
<b>1918</b>	57	2.859	2.919
<b>1919</b>	44,5	1.703	915
<b>1920</b>	46,2	2.523	2.794
<b>1921</b>	33,9	1.310	1.114
<b>1922</b>	25,5	1.071	1.413
<b>1923</b>	41	1.093	2.266
<b>1924</b>	60,8	2.523	2.517
<b>1925</b>	60,8	2.523	2.517
<b>1926</b>	51,6	2.016	1.614
<b>1927</b>	46,8	1.614	2.378
<b>1928</b>	59,9	3.280	2.801
<b>1929</b>	58,7	3.000	2.878
<b>1930</b>	44,1	1.592	-
<b>TOTAL</b>	<b>1.441</b>	<b>79.978</b>	<b>79.746</b>

Adaptado de: CARIOLA e SUNKEL, Op. Cit., p. 126 -127.

## QUADRO B

<b>EXPORTAÇÕES DE NITRATOS DO CHILE</b>				
ANO	EXPORTAÇÕES DE NITRATOS (EM MILHÕES DE PESOS)	EXPORTAÇÕES DE NITRATOS SOBRE O TOTAL DE EXPORTAÇÕES (%)	EXPORTAÇÕES DE NITRATOS EM RELAÇÃO AO PIB (%)	EXPORTAÇÕES DE NITRATOS SOBRE O TOTAL DE RECEITA BRUTA (%)
1880	90.8	26	3,5	4,7
1885	131.2	38	6,6	28,2
1890	221.9	57	12,5	48,2
1895	286.5	69	16,3	56,1
1900	332.6	68	15,2	48,9
1905	544.0	78	19,4	48
1910	696.8	79	17,5	51,3
1915	608.9	76	17,7	60,2
1918	1532.6	70	22,5	44,8
1919	351.1	37	5,1	24,4
1920	1582.5	67	16,4	41
1921	823.4	62	11,1	33,5
1922	514.3	51	9,9	31,4
1923	929.5	57	13,3	40,6
1924	967.2	53	13,3	39,8
1925	1031.6	55	12,3	
1926	710.3	43	10	
1927	860.2	51	13,4	
1928	935.3	48	12,1	
1929	952.5	42	10,5	
1930	666.7			
1931	352.6			
1932	193.8	20	2,4	
1933	406.9			

Fontes: Comissão norte-americana para tarifas alfandegárias, (1937), Braun et al, Cariola and Sunkel, Ministério da Fazenda - Chile (1925), McQueen (1926). In: Sicotte, et al. 2009.

## QUADRO C

<b>PRODUÇÃO MUNDIAL DE NITROGÊNIO (em milhares de toneladas curtas*)</b>						
<b>ANO</b>	<b>NITRATOS DO CHILE</b>	<b>SULFATO DE AMÔNIA</b>	<b>CIANAMIDA DE CÁLCIO</b>	<b>AMÔNIA SINTÉTICA</b>	<b>TOTAL ALEMANHA **</b>	<b>TOTAL GERAL</b>
1900	220	110	0	0	-	330
1905	299	147	0	0	-	446
1910	420	227	4	5	-	656
1913	473	313	42	24	132	852
1918	488	402	98	172	271	1160
1925	433	369	146	432	560	1380
1929	555	497	251	1102	890	2405
1930	420	477	256	1019	677	2172
1931	193	397	185	991	598	1766
1932	120	346	167	1149	458	1782
1933	76	357	199	1264	429	1896
1934	145	397	235	1348	463	2125
1935	205	434	276	1545	-	2460

Fonte: Comissão norte-americana para tarifas alfandegárias, 1937. In: Sicotte, et al. 2009.

\* Tonelada curta ou tonelada norte-americana equivale a 907,18474 kg.

\*\* Para a Alemanha estão contabilizados o sulfato de amônia, a cianamida de cálcio e a amônia sintética.

## QUADRO D

<b>CONSUMO (IMPORTAÇÃO) DE NITRATOS CHILENOS (em %)</b>								
<b>ANO</b>	<b>EUA</b>	<b>REINO UNIDO</b>	<b>ALEMANHA</b>	<b>FRANÇA</b>	<b>HOLANDA</b>	<b>BÉLGICA</b>	<b>ITÁLIA</b>	<b>ESPANHA</b>
1880	15	28	27	17	9	4	-	-
1890	9	13	34	28	6	10	1	-
1900	11	10	36	21	7	13	2	-
1913	19	6	37	14	7	14	2	-
1919	78	1	0	7	7	4	1	3
1924	50	4	7	15	7	9	3	5
1929	45	4	5	20	9	7	4	8
1933	26	1	14	23	8	8	5	16

Fontes: Ministério da Fazenda - Chile (1925), Anuário Internacional de Estatísticas para Agricultura (1919 - 1930), Comissão norte-americana para tarifas alfandegárias (1937). In: Sicotte, et al. 2009.